

MANUAIS de CULTURA MORAL

COLEÇÃO INAYAT KHAN

V

A EDUCAÇÃO

1.^a PARTE

A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

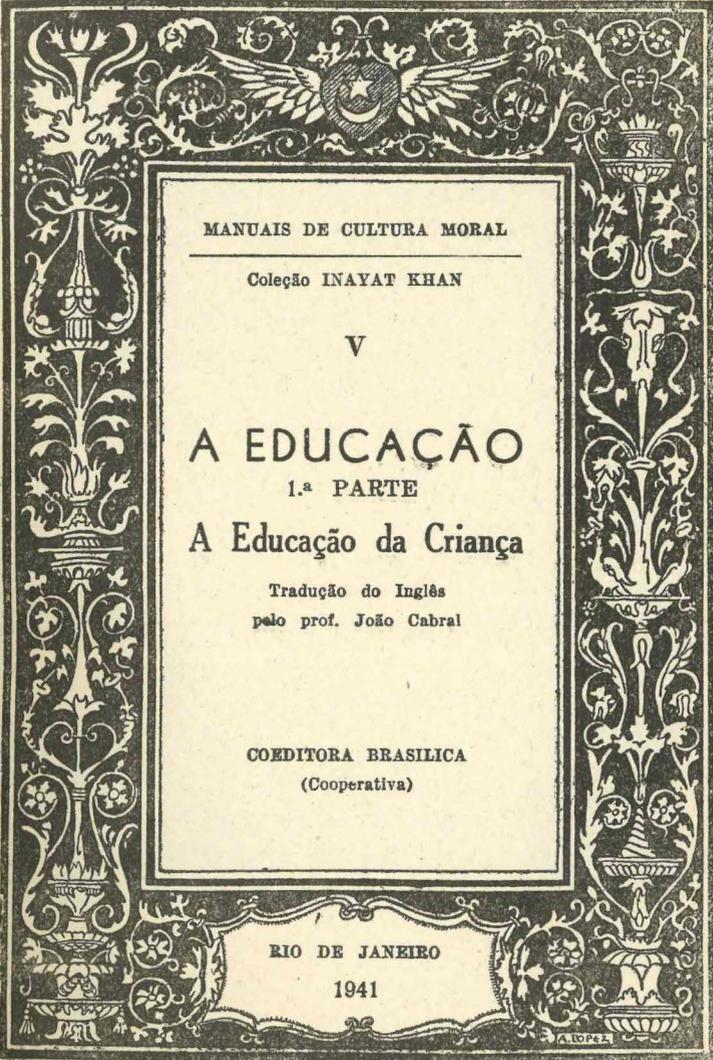
TRADUÇÃO DO INGLÊS
PELO
PROF. JOÃO CABRAL

RIO DE JANEIRO
1941



A EDUCAÇÃO

1.^a PARTE



MANUAIS DE CULTURA MORAL

Coleção INAYAT KHAN

V

A EDUCAÇÃO

1.^a PARTE

A Educação da Criança

Tradução do Inglês
pelo prof. João Cabral

COEDITORIA BRASÍLICA
(Cooperativa)

RIO DE JANEIRO

1941

OBRAS DA MESMA COLEÇÃO
E DO MESMO AUTOR

VOLUMES JÁ PUBLICADOS:

- I — Formação do Caráter
- II — O Objectivo da Vida
- III — A Saúde e sua Conservação
- IV — A Molestia, suas Causas e sua Cura
- V — A Educação — 1.^a parte: A Educação da Criança.

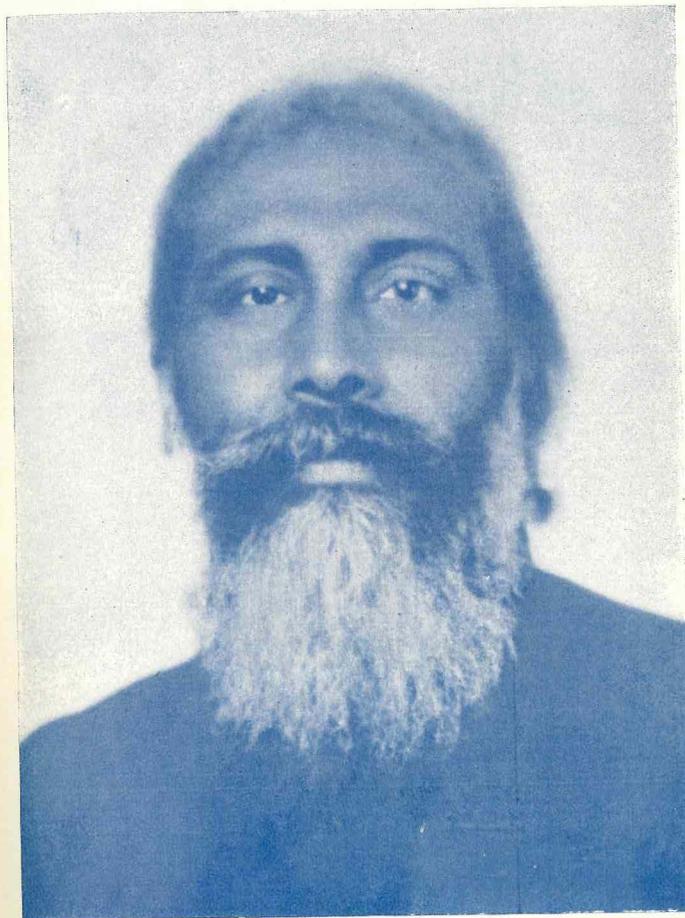
A SEGUIR:

- VI — A Educação — 2.^a parte: A Educação da Juventude
- VII — A Cultura Moral
- VIII — O Mundo do Espirito
- IX — A Vida Interior
- X — As Artes
- XI — A Linguagem Cósmica
- XII — O Misticismo do Som
- XIII — A Filosofia
- XIV — A Alma, de onde vem e para onde vae
- XV — O Caminho da Iluminação
- XVI — O Jardim das Rosas
- XVII — A Unidade das Idéias Religiosas
- XVIII — O Valdan, ou A Sinfonia Divina
- XIX — O Gayan, ou a Música do Silêncio.

Pedidos à

COEDITORA BRASÍLICA
(cooperativa)

RUA DO SENADO, 65 — TEL. 32-3112
Rio de Janeiro



Inayat Khan

segundo uma das últimas fotografias

INDICE

<i>Introdução</i>	7
Capítulo I — A Educação da Criança dada no Berço	19
Capítulo II — A Educação do Menino	33
Capítulo III — A Educação do Menino (Continuação)	45
Capítulo IV — A Educação do Bêbê	62
Capítulo V — A Educação do Bêbê (Conclusão)	78

INTRODUÇÃO

Muitas vezes, a palavra educação não é bem compreendida. Muitos encaram a educação como um treino para fazer a pessoa mais capaz de resguardar seu interesse na vida; outros ha que pensam ser a educação o aprender em livros; e ainda outros a consideram um desenvolvimento da intelectualidade. Na realidade educação é uma direção dada a cada alma para que ela faça com bom êxito seu caminho para a desejada meta, harmoniosamente, através da vida. Educação, portanto, quer dizer cultura, refinamento, o conhecimento da vida externa e da vida interna, compreensão da natureza humana, conceituação verdadeira de si mesmo.

Nos dias que correm, o de que mais se necessita é de melhorar a educação. A educação tem hoje tomado uma só direção; ela deve ser encaminhada em muitas e diferentes direções, singularmente visando obter o espiritual.

Nos antigos tempos, ao menos havia uma aparência, mesmo si a idéia nem sempre era com sucesso posta em prática, de ministrar-se uma educação para tornar mais espiritual. Os mestres religiosos davam a educação até às crianças; a educação não estava nas mãos de gente, que não pertencesse a ordens religiosas. A tendência, portanto, ao menos na aparência, era no sentido de obter o mais alto; enquanto que hoje a tendência é educar a pessoa para mais tornar-se material. Quanto mais educado, hoje, mais embaraçado na esfera espiritual. Em vez de remover os véus, é como si véus sobre véus sejam postos sobre a mente, e a luz da alma seja obscurecida.

De fato, a educação deve ajudar a gente a remover névoas da sua estrada; e deve ajudar, desde o princípio, no rumo do mais alto alvo, que é o objetivo de cada alma.

Pela divisão, que temos feito hoje, separando religião de educação, e ainda escolas ocultas e espíritas, de religião, e dividindo ainda negócio e indústria como coisas separadas, desta forma, se divide a vida. E, dividindo-se a vida, é hoje o homem dividido, a alma também dividida. O homem não pode conduzir-se, a si mesmo, porque não ha um motivo pelo qual deva ele avançar para a desejada meta, e o

homem é desviado por mil objetos diferentes na vida.

Não tenho em mente dizer que os esforços e pensamentos de uma pessoa não são precisos numa linha de negócios, numa profissão, em política ou assuntos sociais; mas houve um tempo em que esta idéia se punha em execução de melhor maneira; e era que, através da política, da vida social, através da indústria, da educação, todos visavam um objetivo, e este era a mais alta realização. Hoje, não se procura esse objetivo; nem por uma profissão se procura esse objetivo, nem por negócio, nem por política. Por conseguinte, cada ocupação é separada; e aquele que não está treinado no caminho espiritual toma, então, sua própria linha. Está limitado; vae até um certo ponto, e não pode ir adiante. Portanto o embaraço, que a humanidade está enfrentando nesta hora, é a falta de educação espiritual, a divisão da vida.

Conquanto a Índia tenha também mudado, uma vez, quando eu era criança, vi de passagem alguma coisa que pode dar uma idéia disso.

Um negociante que estava sentado na sua loja, ali chegara depois de ter dito a sua prece,

depois de haver dedicado seu pensamento, sua mente e seu esforço. Tinha-os, primeiramente, dedicado a Deus; depois foi para a loja pensando nisso. Quando voltou a casa, ofertou suas preces e trouxe à presença de seu Deus todas as faltas que pudesse ter cometido no seu negócio durante o dia; pediu perdão, e adorou. Portanto, o seu negócio, na realidade, era a sua religião.

Entre os profissionais, por exemplo, entre os médicos, um doutor nunca pensou em toda sua vida que podia cobrar de um doente pelo tratamento que lhe deu. Nunca teve essa idéia, porque julgou seu trabalho por demais sagrado para ser limitado ao dinheiro; a questão do dinheiro era secundária. A sua profissão era a sua religião. Praticava-a por Deus, por humanidade, para fazer algum bem aos outros. O seu pensamento, a sua visão era, portanto, mais clara. Assim que via uma pessoa, sabia o que ela estava sofrendo. Médicos havia que sabiam quanto tempo viveria uma pessoa exatamente, porque o seu trabalho era a sua religião. E assim tem sido com os industriais, carpinteiros, pedreiros. Cada um pensava, qualquer que fosse a sua ocupação, ainda que de pão se tratasse, era uma questão secundária,

o primeiro pensamento era para Deus. Tudo que ele fazia era para Deus.

Si hoje tivéssemos essa idéia, não haveria tal divisão como ha hoje, o trabalho contra o capital, o capital contra o trabalho, a dificuldade em profissão e no mundo dos negócios, a dificuldade no caminho monetário. Si, para os políticos, as suas políticas fossem a sua religião, si eles vivessem não somente para sua nomeada, mas para Deus, para alcançar o espiritual; si um profissional pensasse da mesma forma, a vida não seria tão difícil como é hoje para todos nós.

Deve ser lembrado que isso não é uma dificuldade somente em alguns países, em todo país há essa dificuldade.

Eu vim da América, depois de ter estado ali a observar acuradamente, durante seis meses, as condições de vida. A despeito de todo sucesso e de muito dinheiro, não há satisfação, mas o descontentamento cresce dia a dia, mais e mais.

Toda razão está em que a vida se tornou dividida. Em vez de nos juntarmos para um motivo, dividimos-nos em negócios, outros na obra social, na indústria, em política. Perdeu cada um o motivo, o principal objeto, para o

qual todos, por caminhos diferentes, se devem dirigir.

Há muitas maneiras pelas quais isso pode ser remediado, mas a maneira principal por que podemos dar geito nisso é a educação. Quanto mais se mudar a educação e a fizermos adequada a corresponder às exigências atuais da vida, melhor serão as condições do mundo.

Qual a idade mais tenra da vida de uma pessoa para começar a educação? A educação deve começar desde a época do nascimento na terra, com o motivo principal de chegar à obtenção do espiritual. Uma educação contínua, do princípio ao fim, é que leva uma alma ao objetivo da sua vida.

A educação pode ser dividida em quatro graus: educação do infante, educação do menino, educação do rapaz, e educação do adulto. A educação do infante é o alicerce de toda a educação a ser dada a uma pessoa. E' sobre esse alicerce que o edifício todo se erige; e, si a infância for negligenciada, então, não estará direito o embasamento. A educação do adulto é justamente como a cúpula, que termina o edifício. Mas a parte média da educação é a educação do menino e a educação do rapaz.

A educação pode ser dividida em duas partes: educação individual e educação coletiva. Treino individual é aquele que é dado em casa, e é tão importante, ou mesmo mais importante do que a educação dada na escola. Muitas vezes os pais, enquanto absorvidos em coisas do mundo, são ignorantes do fato de que toda a riqueza que eles possam reunir para seus filhos, e todas as facilidades que eles possam fazer por seus filhos, para dar-lhes conforto e felicidade, são de nenhum uso, si não se procura a educação. Muitas vezes aqueles abençoados pela Providência têm provido para a criança toda facilidade e conforto, e entretanto, para sua verdadeira felicidade, nada há provido. Durante esta viagem, encontrei o guardião de um jovem filho de um homem muito rico, dono de tanta riqueza que ele não sabia o que fazer com ela e como usá-la. E agora está o menino um moço que recebeu alguma educação escolar, mas no qual, ao mesmo tempo, não se desenvolveu ainda essa qualidade, que deve ser despertada e desenvolvida. O moço é infeliz. O guardião levou-o de um país para outro, mas o jovem não se sente feliz. Porque? Porque a sua alma está à procura do ideal, a semente do qual não foi semeada no tempo em que devia ter sido semeada no seu coração. Agora, que

ele está crescendo, o solo é duro; agora, o guardião não pode lançar a semente do ideal no coração do moço.

Há muitos exemplos, em que a pessoa tem todo conforto e facilidade na vida, faltando alguma coisa, alguma coisa inestimável. Além disso, a vida é uma oportunidade, mas a maior oportunidade é a meninice, em que a mente é receptiva, o corpo susceptível.

Tudo que a criança come é assimilado; as coisas vão fundo no coração; tudo que a criança reflete opera mais do que os pensamentos da gente grande. Há uma crença no Oriente, de que a oração da criança é muito mais depressa atendida do que a oração da pessoa já criada, porque sua concentração é maior, sua mente, mais pura. Imagine-se a facilidade que a natureza oferece à criança! Além disto, si há uma experiência de reinado, que todo mundo experimenta, é durante a meninice. E' um tempo durante o qual toda pessoa é um rei. Atribuições e ansiedades, prejuízos, malícia, todos se mantêm afastados. Há um coração puro, uma atmosfera celestial; uma expressão angélica é o que se encontra na criança. E' esse o tempo de colocar no coração do menino a semente da educação, da cultura, afim de que nele se desenvolva e culmine em alguma coisa de

belo. Quando o menino estiver criado, si essa oportunidade se tiver perdido, grande cópia de coisas se terá perdido.

Si uma criança não foi, desde o começo, bem treinada, que se pode fazer? Si o fogo esteve baixo, e o manjar não está bem cozido, o que devemos fazer é levantar muito mais o fogo afim de coser o manjar. Si você precisa ferver alguma coisa, e não há suficiente fogo, a panela esteve ali, mas não ferveu, e mais fogo é preciso afim de fazê-la ferver. Mas, ao mesmo tempo, é melhor que se tome conta do treino de uma criança desde o começo. Esse é o tempo. Não se deve perder essa oportunidade. Nunca é demasiado tarde para corrigir, mas nunca é demasiado cedo para educar.

Muitas vezes o povo pensa: "Devemos deixar a criança crescer como as árvores e as plantas, entregá-la à natureza". Mas não estamos vivendo em natureza, vivemos na cidade. Si vivessemos nas cavernas das montanhas e debaixo das árvores, seria diferente. Desde que vivemos na sociedade, há uma grande responsabilidade, que a criança deve enfrentar; quando crescida no meio da sociedade, precisa ela de educação, precisa de cultura. A educação é a herança dos mais velhos deixada aos mais moços. A experiência desta geração em

forma de educação é dado aos mais moços de forma que não tenham estes de preocupar-se com ela, e com ela não gastem sua vida toda, mas, de tudo que esta geração tiver colhido, a próxima geração pode tirar o benefício. A educação tem, portanto, seu lugar na vida. Si todos nós tivéssemos de viver na floresta, de hervas e folhas, então a educação não seria necessária. Mas civilização quer dizer educação, a educação faz a civilização.

Muitas vezes, a gente diz que se deve dar a uma criança a oportunidade para escolher seu próprio caminho. Mas o caminho, quem o fez? Não é a humanidade que tem feito diferentes caminhos? O homem tem-nos feito; o homem deve fazê-los para a criança, para ela escolher. Mas fazer caminhos e deixar o menino sem um caminho quer dizer que ele deve aventurar; e na aventura quem sabe si ele segue direito ou errado? Além disso, desde que a criança é inocente, e apreciadora de tudo que é bom e belo, e como tem ela menos experiência do mundo e não sabe discriminar, si não tiver deante de si coisas para distinguir, para aprender, não é responsável pelo caminho que toma. E', portanto, da responsabilidade dos pais, dos gardeans, que têm a seu cargo a educação da criança, apresentar-lhes os dife-

rentes aspectos da vida, para que ela escolha, mas ao mesmo tempo dirigi-la, e ainda, não dirigi-la, manter em seu coração o sentimento de livre escolha de seu caminho, preparando, ao mesmo tempo, o caminho para ela, um melhor caminho, sem parar.

A educação é uma cultura, um desenvolvimento culminando em auto-realização, que é o mais alto fito de todas as religiões e filosofias.

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA DADA NO BERÇO

Nunca é demasiado cedo na vida de uma criança para que ela receba educação. A alma de um infante é semelhante a uma chapa fotográfica jamais exposta antes; e qualquer impressão, que sofra essa chapa fotográfica, de certo a cobre; todas outras impressões que venham depois não têm aquele efeito. Portanto, quando os pais ou guardians perdem a oportunidade de impressionar uma criança na sua mais tenra idade, perdem a mais importante oportunidade.

No Oriente, houve superstições de que não se devia permitir que pessoas indesejáveis chegassem perto de uma criança. Si os pais ou parentes viam que certa pessoa indesejável não deveria estar na presença de uma criança, era tal pessoa evitada, pela simples razão de que a criança é como uma chapa fotográfica; pega

a primeira impressão que lhe chega. A alma é negativa, inteiramente impressionável, e susceptível a cada influência; e a primeira impressão, que uma alma recebe, enraiza-se nela.

Em primeiro lugar, uma criança traz consigo na terra o espírito, com o qual é impressa desde as esferas angélicas, desde o plano dos espíritos; herdou ela também da terra as qualidades assim dos seus pais como de suas famílias. Depois de chegar à terra, a primeira impressão que uma criança recebe é do ambiente, dos que a cercam, dos que tratam dela, e se movem e trabalham em torno dela; e a impressão depois de chegar à terra, é tão forte que muitas vezes apaga as impressões herdadas pela criança, das mais altas esferas, e também a herança dos seus pais. Qual a razão disso? — perguntar-se-á. E' porque a mente, que se formou das impressões trazidas pela criança das esferas mais altas ainda não são positivas. E' justamente como um vaso de barro que ainda não passou pelo fogo; ainda não se desenvolveu. E as qualidades que uma criança de seus pais herdou também se acham no mesmo estado negativo; e são aperfeiçoadas depois que a criança chegou à terra. A primeira impressão, portanto, que uma criança recebe depois de chegar à terra, é a mais forte.

O primeiro processo na preparação de louça é fazer vasos de argila, e o segundo processo é pô-los no fogo. Quando são eles postos no fogo, então se tornam fortes, se tornam positivos; antes de serem postos no fogo são negativos. Da mesma forma, uma chapa fotográfica é primeiramente negativa; depois, quando banhada em certa solução, se torna positiva. E tal é o processo por que passa a alma na sua infância. Então experimenta certo desenvolvimento. O que ela trouxe das esferas mais altas, de sua família, tudo se desenvolve, fica positivo, sólido, por outras palavras, se torna condensado; porque esse é o tempo, em que o espírito se está formando, é nesse momento que o espírito se torna positivo.

Si a criança receber nesse tempo impressões indesejáveis, seja qual for a educação que, ao depois, se lhe der, aquela primeira impressão permanece concreta e sólida. Depois, nada pode extirpá-la, pois a infância é o momento, em que a alma está ficando positiva.

Na educação da criança, deve ser lembrada como a primeira regra, que uma pessoa deve educa-la, não todo mundo na família. E' um grande erro quando todo mundo na família procura treinar, ou tomar conta da criança, porque isso priva a criança de formar um ca-

ráter. Cada um tem a sua própria influência, e cada influência é diferente da outra. Mais das vezes, porém, o que acontece é que os pais nunca pensam de educação na infância. Pensam que é a idade em que a criança é uma boneca, um brinquedo; que todo mundo pode manejá-lo e brincar com ele. Não pensam que é o momento mais importante na existência da alma; que nunca mais tal oportunidade virá de novo para desenvolver-se a alma.

Deve o pai, ou mãe, educar a criança?

A vida do homem demanda toda sua atenção em seu trabalho; a mãe nasceu com o senso do dever para com seu filho, e portanto lhe cabe em primeiro logar o direito de educar a criança. A mãe também pode equietar o filho nos primeiros dias da sua vida, porque a criança é uma parte da mãe, e portanto o ritmo do espírito da mãe é aparentado com o ritmo do espírito do filho. A alma, vindo de cima, é recebida e erguida e tratada pela mãe; é portanto a mãe o seu melhor amigo. Se alguma coisa pode fazer o pai, é ajudar a mãe, ajudar a guardian na educação da criança. Se a criança fosse entregue inteiramente na sua infância, às mãos do pai, pouca esperança haveria de que ela acabasse direito; porque o homem toda sua vida é uma criança, e o auxílio que é preciso na

vida de uma criança é o da mãe. Não obstante, mais tarde na vida de uma criança chega um tempo, em que a influência do pai é igualmente necessária; mas tal tempo não é na infância. Como diz o Bramane, o primeiro *guru* (1) é a mãe, o segundo *guru* é o pai, e o terceiro *guru* é o mestre.

A pessoa, que toma conta de uma criança para treina-la, deve primeiramente fazer amizade com ela.

Havia, na Índia, um *madzub*, um sábio, que entre elefantes costumava viver, que vivia com elefantes. Costumava partilhar com eles seu pão, e dormir junto deles. Ao mesmo tempo, havia pessoas encarregadas de cuidar dos elefantes, as quais os controlavam e comandavam com seus ferrões. Muitas vezes os elefantes as atendia; mas, quando o elefante estava zangado, não as atendia, e muitas vezes o controlador foi morto ali mesmo. O elefante, quando está enraivecido, não reconhece o controlador. Mas aquele sábio tinha amizade a todos os elefantes, aos raivosos, como aos mansos, e a cada um deles. Costumava ir ao pé deles, amimá-los, olhar para eles, conversar com eles,

(1) "Guru", no Oriente, quer dizer o professor, o mestre, uma espécie de guia espiritual. N. do T.

e dormir descuidosamente perto deles; e eles nunca o ofendiam. Que mostra isto? Mostra que há duas maneiras de controlar. Uma é a moda de senhor, e a outra é a de fazer amizade. Procedendo como senhor, você diminui a vontade da pessoa que está sob suas ordens; tornando-se amigos, você sustenta sua força de vontade, e, ao mesmo tempo, lhe presta auxílio. Num caso, faz da pessoa um escravo; no outro caso, faz daquela pessoa um rei. Ao treinar uma criança, devemos nos lembrar de que sua força mental, que significa força de vontade, não deve ser diminuída, ainda que uma criança deva ser controlada.

Há cinco diferentes coisas, em que uma criança deve ser treinada no primeiro ano: disciplina, equilíbrio, concentração, ética, e descanço.

Uma vez estabelecida a amizade entre uma criança e a pessoa que a guarda, esta se acha apta para atrair-lhe a atenção; a ela a criança corresponde. E esta deve ser a primeira das condições necessárias; esta condição deve ser produzida primeiro, antes de começar a educação. Quando uma criança começa a corresponder plenamente ao guardião, então a disciplina pode ser ensinada, não com raiva, não com agitação, como faz muitas vezes o guardião, pois

que uma criança é por vezes muito adaptável, e algumas vezes mais obstinada do que pode ser qualquer pessoa crescida, é mais difícil de controlar.

A melhor maneira de ensinar-lhe disciplina é sem discutir, sem mostrar qualquer indisposição ou aborrecimento, somente repetindo a ação diante dela. Por exemplo, a criança está querendo alguma coisa que não pode ter, enquanto que o guardião ou a guardian deseja que ela se entretenha com determinado brinquedo. Este lhe deve ser posto continuamente na mão; e, si ela chorar, torne-se a dar-lhe; si o atirar fora, torna-se a dar-lho; si chorar, torne-se a dar-lho; e, si não olhar para ele, torne-se a dar-lho. Repetindo a mesma ação, levaremos a criança a corresponder automaticamente e a nos obedecer. E' um método errado o de querer o guardião controlar uma criança, e ensinar-lhe disciplina forçando-a a praticar certa ação. E' a repetição que faz a disciplina. E' uma questão apenas de paciência. Por exemplo, si a criança está chorando por seu alimento, ou por alguma coisa mais, quando não é a ocasião para isso, atrair sua atenção para outra coisa, mesmo contra seus desejos; a repetição é o que há de melhor.

O equilíbrio pode ser ensinado a uma criança trazendo-se-lhe o ritmo, no momento em que está ela excitada por uma certa ação, a uma condição normal. Por exemplo, quando uma criança está muito excitada, o ritmo de sua ação o movimento não está normal. Pelo bater de mãos, pelo chocalhar, ou pelo tamborilhar sobre alguma coisa, façamos o ritmo de uma criança vir para o nosso próprio ritmo; porque a criança pode ser atraída por um ruído qualquer, e esse ruído num certo ritmo porá o seu ritmo em acordo com ele. Excitada como estiver a criança, faça-se um certo ritmo pela produção de um ruído, e então se a faça voltar a um ritmo normal. Por exemplo, si houver chocalho ou coisa semelhante, e primeiro o movermos no ritmo da criança, e depois o movermos gradualmente num ritmo mais lento, naturalmente a criança chegará a esse ritmo. Mudará todo o excitação. As condições todas da mente da criança, a circulação do sangue, os movimentos, a expressão, tudo mudará para o ritmo normal.

Há três ritmos. Um ritmo de passividade, no qual a criança não é ativa absolutamente. Significa isto que a criança não está bem, ou que existe nela alguma coisa errada, alguma coisa que não deve ser. E há um segundo ritmo,

no qual a criança é ativa, porém não excitada; este é o ritmo normal. Há um terceiro ritmo, no qual a criança está excitada. Este excitação deve ser conduzido para o segundo ritmo, no qual a criança era ativa, porém não excitada. Isso pode ser conseguido entregando-se à criança o que lhe agrada. Si ela não gosta de um brinquedo, dê-se-lhe um outro; e si não esse brinquedo, um outro, e ainda um outro. Neste caminho, faça-se tudo para ocupar sua mente de maneira que, por alguns momentos, se fixe ela numa coisa.

O excitante de um menino é a mudança do ritmo; por que o menino não tem controle sobre seu próprio ritmo. Ele prossegue numa velocidade cada vez maior, até que chora ou ri. E o riso ou choro é o mesmo, precisamente. De um lado ele rirá, e de outro lado ele chorará, porque seu ritmo não está normal. E' questão somente de trazê-lo para um estado normal por vosso esforço. Mas, si uma pessoa fica agitada e não gosta do menino, e fica zangada com ele, não pode ajudá-lo.

Pode alguém fazer um menino parar de chorar? E' melhor distrair a mente de uma criança do que deixá-la chorar, mas ao mesmo tempo é muito natural para uma criança chorar algumas vezes. Si a criança não chora, quer

isso dizer que alguma coisa lhe falta, que a criança não está normal. Devemos conhecer o equilíbrio ,até quanto devemos deixar a criança chorar, e quando fazê-la parar. Podemos permitir que ela vá até um certo ritmo; quando tiver alcançado esse ritmo, então não deve chorar; é tempo de fazê-la parar. Quando, porém, uma mãe, aborrecida com a criança, lhe esbarra o choro assim que ela começa a chorar, isso produz um mau efeito no seu sistema nervoso. E muitas vezes as amas atiram a criança no berço ou noutra qualquer parte para chorar à vontade. Mas isso quer dizer deixá-la no mesmo ritmo, não é acudi-la. Por aí a criança ficará pior e pior, e dia a dia mais e mais nervosa.

Passemos agora à concentração de um menino. Brinquedos de várias cores, frutas, flores, coisas que atraem um menino devem ser postas deante dele, alguma coisa que atraia o mais possível; e então se deve procurar atrair sua atenção para esse objeto particular, deixar que o menino com ele brinque, olhe para ele, por ele se interesse. Dessa maneira o guardião poderá desenvolver a faculdade de concentração, o que será da maior importancia quando o menino estiver criado. Quando se não desenvolve essa qualidade, torna-se difícil para o me-

nino, quando estiver criado, o concentrar-se. Além disso, introduzimos na vida do menino um grande interesse, quando começa ele a concentrar-se. E o menino concentra-se sem o saber. Qualquer coisa bonita com que goste ele de brincar, si para ela se dirige seu pensamento, si este é absorvido por ela, naturalmente se concentra. Isso é bom para a criança, para a sua alma e o seu corpo, visto como a concentração é a força toda que ali está.

Tratemos agora da ética. Empregamos aqui esta grande palavra, mas, verdadeiramente falando, a maior ética ou moral que a gente pode aprender na vida é a amizade, culminando na generosidade; e nunca é demasiado cedo para cultivar esta semente da moral numa criança.

Quando a gente dá alguma coisa a um menino, alguma coisa de que ele goste, e mostrando amizade, simpatia e amor, pedimos ao menino que nos dê a mesma coisa, isso faz aperfeiçoar-se aquele sentimento de liberdade e, ao mesmo tempo, o de amizade. Muitas vezes, não se mostra o menino disposto a dar, mas isso quer dizer que ele treinado não está para fazê-lo. Necessidade não temos de tomar-lhe a força, mas, tendo paciência e repetindo nosso desejo de que o objeto nos seja dado, o menino

finalmente no-lo dará. Pode acontecer que, às primeiras três ou quatro vezes, si o menino é de natureza muito tenaz, recusa-se a dar, mas afinal o dará; e, por esse modo, lhe é ensinada a essência da moral.

Ensinar-se deve a um menino que existem certas coisas de sua propriedade e outras coisas que lhe não pertencem? Qualquer coisa que o menino vê, a quem quer que ela pertença, dela se apropria o menino, e a possui por direito inato. Ele não despertou ainda para este mundo cheio de limitações e divisões. Tudo que aí existe é dele; a ele realmente pertence. A nossa consciência de dualidade é que nos faz pobre. O menino é rico, mais rico do que ninguém neste mundo inteiro. O menino tem a riqueza de Deus; por que, assim como a Deus tudo pertence, assim também a um menino tudo pertence. E entretanto não há desejo algum da parte de um menino, de apropriar-se de alguma coisa; o menino é dono de todas as coisas. A experiência da terra é que dá ao menino, quando este vai crescendo, o desejo de ser dono. Por que então ele se torna limitado, então existem coisas que pertencem a outros, e certas coisas que pertencem ao menino; dá-se a limitação.

Algumas vezes, porém, o povo pensa: "Não seria errado, dum certo modo, fazer-se uma pessoa generosa neste mundo mau, no qual todos desejam tudo arrebatado de todas as pessoas que encontram? E especialmente as pessoas todas que estão dando, que são generosas, são elas as que não tiram, mas sim as outras".

A resposta é que o egoísta é o inimigo de si mesmo. Ele pensa que o egoísmo é proveitoso, mas a sua própria ação trabalha contra ele. Aparentemente, pode lhe dar sucesso. Pelo egoísmo, pode ele ganhar riqueza, ou por uma qualidade tenaz para apoderar-se dos objetos, dos cargos, da posição, ou de uma coisa qualquer, mas, ao mesmo tempo, está ele faltando ao seu próprio objeto, está se enfraquecendo. Além disso, no fim, seja qual for sua experiência, a pessoa chegará à conclusão, de que os que perseguem o mundo, o mundo foge deles, e aqueles que lhe voltam as costas, o mundo os segue. O espírito de toda moral e de toda ética é a amizade, aprender a sacrificar-se e aprender a servir; e esta última lição pode ser dada primeiramente ao menino.

Passemos agora ao repouso. O menino pode tornar-se muito massante para a pessoa

de sua guarda incumbida, e para outros, si não aprendeu adequadamente a repousar. E o menino aprende a repousar muito mais cedo que uma pessoa crescida. E' questão apenas de pô-lo num ritmo simples, dar-lhe ambiente calmo e quieto, colocá-lo numa posição confortável, aplicar-lhe passes, fazendo seu sistema nervoso repousar, olhando para seus olhos com simpatia e com a idéia de que ele vae dormir, produzindo para o menino pelo próprio pensamento, sentimento e atmosfera, uma atmosfera de repouso e paz, para que ele experimente o repouso.

E' da maior necessidade que se ensinem estes cinco diferentes assuntos na infância. Além disso, deve se tomar em consideração a regularidade em tudo, com respeito a um menino. Em seu alimento, em seu sono, em tudo, a regularidade lhe é necessária, porque a natureza é ritmica. As quatro estações chegam regularmente. O nascer do sol e o seu poente, o crescente e o minguante da lua, todos estes mostram que a natureza é ritmica. Observando-se as regras da regularidade com um menino, a gente pode construir um alicerce para o crescimento de uma alma com o maior sucesso.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO DO MENINO

Enquanto o menino está sendo criado pela própria mãe as qualidades de coração nele se estão formando; é dessas qualidades que depende o sentimento do menino durante a sua vida toda. Não compreendendo isto, usam-se hoje diferentes métodos de alimentar a criança; e por eles esse espírito de herança, e os méritos e qualidades que a criança tem a desenvolver se tornam obtusos. O alimento mecânico é preparado, e mecânico se torna o coração da criança quando esta cresce.

Uma vez um imperador mogol ficou muito admirado ao ver seu filho estremecer ao ruído de um canhão, e disse ao seu sábio ministro: Não posso compreender que um filho de minha família dê semelhante mostra". E o ministro ajuntou: "Si Vossa Majestade indagar como foi criado o menino, saberá que não foi criado por sua mãe".

Assim como é verdade que a carne de animais diferentes em si têm o efeito do caráter de cada animal particular, assim também de tudo que uma pessoa come participa o seu espírito. Uma criança é destinada a receber da sua mãe, em forma de alimento, qualidade; e são essas qualidades que se tornam um adubo para o desenvolvimento do seu coração.

Alimento conservado em latas e garrafas e feito de suco de frutas e carne, dado a uma criança na sua tenra idade, forma átomos indesejáveis, e ela tende a ser cada dia mais densa. Si a mãe fôr incapaz de amamentar ela mesma a criança, o caminho melhor é procurar uma ama. E a ama deve ser considerada não somente do ponto de vista da saúde, como fazem muitos, mas também do ponto de vista do caráter. Deve ser encarada de um e outro lado.

Quando o menino está na dentição a mente se desenvolve, é o tempo do desenvolvimento mental. Observando-se cuidadosamente o crescimento de uma criança, ver-se-á que no dia em que lhe começam a nascer os dentes a expressão dos seus olhos se muda, nasce uma mente, um pensamento se cria. E' desse tempo que ela começa a ter noção das coisas e a pensar. O aparecimento dos dentes é apenas uma exterior manifestação; o processo interior

é que a mente está se formando. E', pois, o tempo mais importante na vida do menino. Porque, a mente que é? A mente é o mundo. O menino está formando o mundo, no qual tem de viver nesse tempo. O momento em que o menino começa a pôr-se de pé e andar é o momento em que a força começa a manifestar-se nele. O entusiasmo, a coragem, a força para sofrer, a força da paciência, a força da perseverança, tudo isto chega nesse tempo; é esse o tempo em que se acumula a força no menino. E o momento em que o menino começa a falar, esse é o tempo em que seu espírito se tem formado, a mente é conectada com a alma e conectada com o corpo; todo o espírito é feito nesse momento. Desde esse momento ele tem de ser considerado como um indivíduo. E' um pequeno indivíduo que então começa a ter em si mesmo a essência de tudo e de todas as coisas no mundo, como em cada alma há uma centelha de cada objeto e cada qualidade que existe no universo todo. E assim, ao tempo em que se completa o espírito de um menino, todas as diferentes qualidades e méritos e objetos que existem no mundo, a essência de tudo isso, nele, como centelha, se tem formado.

A melhor maneira, portanto, de educar uma criança é, para a mãe, educar-se a si mes-

ma. A calma, a quietude, a ternura, a gentileza, tudo que a mãe cultivar em sua natureza naquele tempo adequado, em que amamentar a criança, esta o receberá no berço, como lição. As qualidades de coração consideram-se as mais profundas qualidades que o homem tem; as qualidades cerebrais vêm depois; e são as qualidades de coração que formam a base de toda a vida. São tais qualidades, como a amabilidade, a simpatia, a afeição, a ternura, a gentileza, a doçura, que se desenvolvem naquele tempo. E' naquele tempo também que se ensina a regularidade ao menino, quando o menino aprende suas primeiras lições para ser pontual. Ele aprende, inconscientemente, um ritmo. Sabe o tempo em que tem de ser alimentado. Não precisa de olhar para um relógio; sabe a sua hora de repouso, a sua hora de comer. E introduzindo o ritmo na mente da criança a gente a põe na estrada da perfeição.

As mães que se aborrecem com uma criança, que a põem de lado e dizem: "Está bem, deixemo-la chorar por algum tempo", consideram mais importante outra ocupação, essas mães não sabem a falta que estão cometendo. Aquela oportunidade era a melhor para tratar a criança. E mesmo si elas o fizessem com o sacrifício de outra qualquer ocupação, ainda

valeria a pena; porque, uma vez impressionada a criança com o fato de ser abandonada pela mãe, aquela impressão dolorosa lhe fica por toda a vida, no mais íntimo do seu ser; e, quando fôr crescendo a pessoa, inconscientemente há de senti-lo, e mostrar-se-á aborrecida e descontente com todos que encontrar.

Quando se deixa um menino ser alimentado a todo instante, e a qualquer hora posto a dormir, isso o afasta de um ritmo igual e adequado, e retarda seu progresso na vida. E esse é o primeiro passo, a infância é o primeiro passo no caminho do progresso.

Quando se está formando a mente de uma criança, quando lhe estão aparecendo os dentes, as pessoas, às vezes, lhe põem nas mãos alguma coisa, um chocalho ou um objeto de borracha ou de madeira, para levar à boca. De um ponto de vista psicológico, nada mais indesejável, porque isso não corresponde aos fins da boca. A boca é para comer. Fisicamente, não é bom para seus nervos e suas gengivas, e psicologicamente, não desempenha objetivo algum. Da mesma forma, qualquer coisa que se ponha nas mãos de uma criança nessa idade, e que não sirva a um fim particular, será desacertado lhe dar. Uma criança não deve ser decepcionada, mesmo desde a menini-

ce, por um objeto que não tenha finalidade alguma. Mesmo desde a infância, todo objeto que se dê à criança deve inspirar-lhe o respectivo uso. Uma coisa que não tem utilidade alguma, que não serve a nenhum objetivo, retarda o progresso da criança.

O momento em que se põe de pé a criança e anda é também um momento que deve ser observado com o maior interesse e habilidade. E' esse o momento em que as forças estão se manifestando; e si tais forças forem usadas e dirigidas levando a criança para algum objeto, uma caixa ou bandeija, ou alguma coisa que não lhe dê inspiração, que não recompense coisa alguma à criança, tais forças estarão sendo embotadas a cada esforço que a criança fizer para se dirigir a ela. A melhor coisa, então, é colocar-se uma pessoa deante da criança e chamá-la a si, para atrair-se a simpatia e a atenção da criança. Isso atrai a criança e lhe dá vida nova.

Em tudo que se fizer com uma criança, deve-se considerar sempre que não seja sem objetivo. Si assim fôr, toda a vida, então, será sem objetivo. Muitas pessoas há que depois de crescidas não podem realizar um certo objetivo na vida. Muitas vezes a razão é que, desde a infância, quando as forças se estavam levan-

tando, não foram dirigidas para um objetivo. Não importa que seja um doce o que se tenha posto ali, ou uma fruta, ou uma flor, o que se tenha posto nalguma parte, e que o menino se tenha dirigido para apanhá-la; então existe um objetivo. Quando, porem, o menino é dirigido para ir até uma caixa, à parede ou porta, aonde nada tenha a ganhar, então, o esforço que inconscientemente dispendeu é perdido.

O começo da vida de uma criança é de uma importância maior do que a última parte da existência de uma pessoa, porque é desde a infância que a estrada se lhe abre para ela prosseguir na vida. E quem faz a estrada? E' a guardian que faz a estrada para ela. Si essa estrada não fôr feita e a guardian dormir, então, a criança terá grande embaraço quando estiver crescida. A educação escolar e a do colégio, tudo vem depois; mas a educação da maior importância na vida de uma alma está na sua infância.

Agora, há uma simbologia na ação que a criança pratica. Si a criança vae diretamente para alguma coisa, isso mostra a retidão da sua natureza. Si a criança vacila, então isso mostra falta de força de vontade. Si a criança vae para este lado e pára, e vae para outro lado, e para um terceiro lado e volta, isso mos-

tra que há um temor, uma dúvida, a mente não está clara. Si a mente do menino estivesse clara, ele iria diretamente. Si ele pára no caminho, é isso mesmo, então, um impedimento que se lhe apresenta na vida futura. Si a criança corre e alcança um certo lugar, é impulsiva, aventureira; precipitar-se-á sobre alguma coisa quando estiver crescida. Si uma criança, porém, desde que principia a caminhar, vae tomando um ritmo próprio e alcança um desejado ponto, essa criança é muito prometedora. Isso mostra desde a sua infância singeleza de propósito e equilíbrio pelo ritmo do seu andar. Uma criança que começa a caminhar, ajudando-a a guardian a fazê-lo, e que não olha para a guardian, mas se interessa no que vê deante de si, será indiferente quando estiver crescida; uma criança, porém, que, depois de ir para um lugar, é atraída para a guardian, mostra qualidade de coração. Será uma alma amorosa.

Deve-se fazer ginástica com uma criança? Não, uma criança é nova de mais para ginástica. Toda ação que se pode ensinar a uma criança afim de estabelecer um ritmo, equilíbrio, disciplina, concentração e sentimento de afeição, concorre para a construção do seu futuro; e isso constitue a primeira educação como o alicerce do seu caráter.

Dizendo-se que uma pessoa deve treinar um menino, e não muitas, não quer dizer que o menino deva ser conservado afastado de todo mundo. Isto quer dizer que outros podem entreter a criança por um momento, podem vê-la, podem admirá-la, podem amá-la, mas por um momento. Si quatro ou cinco pessoas, porém, estão a tratá-la, ao mesmo tempo, então o caráter da criança não se decidirá, não é uma coisa nem outra. E' sempre benéfico um guardião a todo tempo observar a criança, quando ela estiver deante de outras, ou quando o menino está separado.

Quando um menino chega aos dois ou três anos de idade, nesse tempo é da maior utilidade ensinar-lhe um momento de silêncio. Mas perguntar-se-á: "Como pode ensinar-se um momento de silêncio?" Um silêncio pode ser ensinado atraindo-se a atenção de um menino bem acuradamente, e também pode ser ensinado pelo ritmo. Quando se faz certo ruído batendo as mãos, ou fazendo um ritmo, e quando se atrae completamente a atenção de uma criança, quando chega então a vez de querer-se que ela fique inativa, se pode mantê-la num estado inativo, por um momento; e isso pode fazer um grande bem. Isso tornar-se-ia uma espécie de educação religiosa, esotérica,

desde a infância. Si, desde esse tempo, um menino pode manter os olhos sem pestanejar, a respiração suspensa e o movimento das mãos e pernas suspenso por um momento, é uma meditação que ele efetua nessa idade.

Mais adiante, quando o menino está começando a emitir sons, como *bá, pá, má, bu, gu*, não devemos tomar isso como alguma coisa sem importância ou alguma coisa sem significação; devemos considerar que, em cada um de tais sons, está uma nova lição, que um menino recebido tem do mundo, e dar a essa palavra uma grande importância, por que essa é a primeira palavra, é uma divina palavra. E a melhor maneira de treinar um menino em seu aprendizado destas palavras e sons é repetir com ele os mesmos sons, deixar que ele ouça outra vez a mesma palavra, deixar que ele se torne interessado no que diz; e depois atrair sua atenção para objetos e pessoas daquele nome. E' por essa maneira que as palavras *má* e *pá* chegaram. Não é que alguém tenha dado esse nome; o menino é que deu esse nome a seu pai e mãe. Aumentaram essas palavras e fizeram delas *mama*, *maman*, *mãe*, mas o começo foi *mã* e *pá*. E' isso uma palavra natural, veio do íntimo da mente do menino; é uma palavra divina. Sua origem é uma ori-

gem divina. Uma palavra como esta : "mamãe" é a terceira palavra, e é aperfeiçoada pela ama. A primeira palavra é *ma*, a segunda palavra é *mama*, e a terceira é *mamãe*; de *mama* é que se fez *mamãe*. Nenhuma criança, nenhum menino começará por dizer "mama". Somente ha poucos anos talvez adotou o povo esta fantasia. Assim a moda vem nos vestidos, assim também nas palavras. O povo gosta de usar uma palavra por algum tempo, e fica ela sendo moda.

Pode-se ajudar um menino repetindo com ele estas palavras e apontando-lhe delas a significação, em vez de compeli-lo a repetir outra palavra. Com isto estragar-se-ia o ouvido de uma criança. O Principe de Rampur manifestou uma vez ao músico chefe de sua côrte o desejo de praticar a música ele mesmo, e o maestro disse : "Ensinarei música a Vossa Alteza sob uma condição, e esta é que Vossa Alteza não ouvirá toda espécie de música vinda a sua presença". E acrescentou : "Quando se ouve a música ruim, o ouvido fica estragado; e depois distinguir não se poderia a música ruim da boa música". Assim é com um menino. O menino está dizendo *pá*, e a mãe a dizer-lhe *folha*. O menino está dizendo alguma coisa mais, e a ama a dizer-lhe outra. Não ha ne-

nhuma harmonia, nenhum objetivo alcançado. O menino é incapaz de pronunciar *folha*; está começando a dizer *pá*. A sua própria intuição o tem guiado, e é melhor seguir com a natureza, e deixar que o menino se ilumine a cada som que ele produza, mostrando-se-lhe alguma coisa começada com aquele som. E' por esta maneira que se ajuda um menino a falar. Depois, quando ele aprender a falar pelo método da natureza, prometerá falar um dia por intuição.

Foi a vontade que trouxe a criança ao mundo; si não, ela não teria vindo. Ela vem por sua própria vontade e pára por sua própria vontade. A vontade é como o vapor que põe a máquina a andar. Si a criança desejar ir para trás, isso depende do seu desejo. E' sempre o desejo da pessoa. No menino, portanto vejamos a vontade na forma em que ela veio. E na maioria dos casos em que se quebra a vontade no correr da meninice, quebrada fica toda a vida. Si os pais, nesse tempo, tiverem todo cuidado afim de que não se quebre a vontade de um menino, ela depois fará maravilhas. O menino fará coisas maravilhosas na vida si fôr sustentada, acariciada, sua vontade.

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO DO MENINO

(Continuação)

O menino que nasce na terra traz consigo o ar do Céu. Em sua expressão, em seus sorrisos, mesmo em seu choro ouvireis a melodia dos Céus. O ponto de vista Sufi é que uma criança é uma exilada do Céu, e é por isso que a primeira expressão dela na terra é um grito. A alma vindo de cima sente-se inconfortavel na densa terra. Esta atmosfera é extranha e não livre; e por sentir-se exilada é que a criança grita, com um sentimento de horror, de terror deste mundo de misérias.

Quando uma criança vem ao mundo sem um vagido, isto indica anormalidade. A criança é completamente anormal, e não terá um desenvolvimento completo, porque a nova esfera não a chocou; noutras palavras, está ela inteiramente desperta para sentir a nova esfera.

Trazei aqui uma pessoa acordada, ela olhará e verá o que se está passando; trouxe uma pessoa embriagada, aqui se assentará ela intoxicada. Não sabe o que se está passando, não atenta ás circunstâncias, de nada está cuidando. Assim acontece com uma criança. Não ha caso, em que uma criança não chore; mas, si acontece tal caso, alguma coisa estará errada.

Porque tão atraída é a alma para a terra? Ela é atraída para a terra porque está ligada á terra. E' a paixão da alma o manifestar-se, apenas está ela manifestando sua paixão.

Antes do menino vir ao mundo, teve tambem educadores, um ou muitos educadores. Teve primeiramente educadores no plano dos gênios (1); os habitantes desse plano, e aqueles que se foram e se reuniram no plano dos gênios. Os mais antigos no plano angélico têm sua experiência, sua vida, seus sentimentos a partilhar com uma nova alma, que segue avante na jornada. E' daí que traz o menino o sentimento de admiração por toda beleza, o sentimento e o amor da harmonia, da inocência, e o fundo dos sentimentos. Depois, encontra ele outros mestres no plano dos gênios, e estes mes-

(1) Os gênios (no original inglês — *genii*) são os entes angélicos, habitantes do plano mental.

tres são aqueles para os quais dirigido foi ele desde o plano angélico; porque, de acôrdo com sua associação no plano angélico, toma ele seu caminho, certa estrada, certa direção. Os seus primeiros instrutores são os que têm influência na vida de um menino, os que dirigem e determinam seu destino no plano dos gênios. Pode a alma escolher seu instrutor no plano angélico e dos gênios, ou é ele inelutavel para quem quer que lhe sinta á atração? Ha sempre vontade livre e ausência dela em todos os planos. Si andamos no meio da cidade, ha coisas que, intencionalmente, desejaríamos ver, à procura das quais estamos; e ao mesmo tempo ha muitas coisas, tambem, que estão atraindo nossa atenção sem nenhuma intenção da nossa parte. Da mesma sorte, quando chega a alma, é atraída para coisas e seres para os quais não teve ela intenção alguma de ser atraída, e ao mesmo tempo tem ela sua escolha, tambem. Há experiências do menino antes de nascer, nos planos superiores, dirigidas pelas estrelas? Não, como entendemos do ponto de vista astrológico; ao chegar o menino à terra, desde esse momento, é que principia a sua conexão com as estrelas. Mas, ao mesmo tempo, ha outras razões que muito interferem para determinar o destino da alma.

No plano dos gênios, recebe ele outra vez instruções dos habitantes dessa esfera, e também daqueles que da terra têm voltado, e que ansiosos estão por dar sua experiência, seu conhecimento, e tudo que ainda têm consigo, que da terra trouxeram, para a criança. Eles teriam dado à criança mesmo o que tinham no plano terrestre, mas a ninguém é permitido levar para outra esfera o que coletarem aqui. Tudo que pertence a esta esfera deve a pessoa deixar aqui, afim de que esteja livre e lhe seja permitido entrar nas esferas superiores. Portanto, o que eles têm é o que nesta esfera coletaram, enquanto estavam na terra. Isto é tudo o que eles têm, os pensamentos, impressões, sentimentos, experiências, conhecimentos, tudo quanto aqui adquiriram. Isto tudo é uma coleção que a pessoa forma nas esferas superiores, mas não alguma coisa que se fosse depositar no banco. De tal modo, quando o homem deixa à terra tudo que da terra tomou emprestado, então, vai ele apenas com aquela propriedade por ele depositada, ou que ele collectou nas esferas superiores, posto que não o sabia. Muito poucos sobre a terra sabem que, enquanto vivem no plano terrestre, estão coletando alguma coisa no plano superior. Vi-

vem ao mesmo tempo no plano superior, mas não o sabem.

Com esta herança e com este conhecimento e instrução, que recebeu de um ou de muitos, uma criança vem à terra. Mas o povo poderia dizer: "Uma criança não mostra nenhum sinal de conhecimento algum da terra, nem dos Céus; não mostra sinal algum do mundo engélico, nem do mundo dos gênios". E' que não sabem que uma criança pode perceber, ou pode receber impressões de seres humanos, muito mais prontamente do que as pessoas crescidas. O menino sente imediatamente a pessoa reta; e às vezes percebe mais do que uma pessoa crescida. Além disso, nós, as pessoas grandes, julgamos apreciar a música, mas, si pensarmos no senso que uma criança traz consigo para apreciar o som e o ritmo, nunca nos jactaremos de conhecer Música. A criança, ela mesma, é música. No berço está movendo seus bracinhos e suas perninhas num certo ritmo. E, quando cae a música nos ouvidos de um menino, é da mais baixa qualidade, comparada com a música a que está ele acostumado. Ao mesmo tempo, começa ele a mover as pernas e os braços ao ritmo da música pesada. Podemos ter a música mais fina, mas, para uma criança, é a música mais pesada; ela está acostumada

a música muito mais finas do que podemos conceber. Ela anseia por essa música, procura essa música; e o que lhe damos em substituição não satisfaz. Experimenta ouvi-la por um momento, gosá-la, gostar dela; mas, ao mesmo tempo, não se sente em casa, vira as costas e precisa ir-se embora. Um momento só experimenta gosá-la, pensando que é alguma coisa pertencente ao seu país, quer dizer aos Céus; e depois descobre: Não, é estrangeira. Essa, única razão por que uma criança chora no meio de um concerto; do contrário, seria uma criança quem mais o gosaria.

Algum tempo é necessário para um menino ficar acostumado à vida terrena. E que é que o faz acostumado com ela? A côr. A côr é o que mais atrae, e depois o som. Quando ele fica habituado ao som denso e à côr densa, então principia a perder os atributos celestes. E quando seu primeiro desejo é deixar de ser anjo e andar como o animal, quando ele começa a engatinhar, principia sua vida terreno; mas antes era um anjo.

A infância é angélica; não é o tempo dos gênios, é o tempo angélico. A infância pode ser dividida em três partes. Dura três anos a infância; os três primeiros anos são a verdadeira infância. No primeiro ano, o menino

é o mais angélico; no segundo ano, há uma pequena sombra da esfera dos gênios; e no terceiro, o menino começa a manifestar a influência terrena, a influência deste mundo. Torna-se assim uma criança deste mundo, no seu terceiro ano.

Porque é que um menino, posto que ainda conciente dos planos angélicos, não tem, originalmente, sentimento algum de gentileza? Os anjos não são obrigados a ser gentis. Eles são a própria gentileza, mas essa gentileza deve despertar-se aqui. A gentileza e a crueldade aprendem-se quando se chega aqui; quando a criança chega traz somente amor. Tudo aquilo é ensinado aqui. E si os guardians soubessem isto, poderiam ajudar a criança muito melhor. Há muitas qualidades trazidas pela alma das esferas mais altas, mas essas qualidades ficarão sem desenvolvimento si permanecerem sepultadas, si não se lhes der uma oportunidade para se desenvolverem. Da mesma forma, si à gentileza não se der uma oportunidade para desenvolver-se no menino, a gentileza estará no íntimo do seu coração toda sua vida, sem ele o saber.

Os pais algumas vezes pensam que são máus modos para um menino pôr as mãos na boca, e por isso lhe dão alguma coisa feita de madeira ou borracha, ou coisa semelhante. Isso

retarda muitissimo seu real progresso na vida, porque toda alma nasce para alcançar o idéal de bastar-se a si mesma. Um menino experimenta desde o começo levar as mãos à boca eis que a boca precisa de alguma coisa; e os pais, afim de ensinar bôas maneiras, lhe dão uma outra coisa fazendo-o mais artificial. Si eles o deixassem entregue a sua natural tendência, auxiliariam seu crescimento, seu progresso no rumo de um alto idéal.

Que fazem os santos, sábios, adeptos e místicos no tempo do seu progresso espiritual? Eliminam tudo na vida, que os faça dependentes de coisas exteriores. Comem com as mãos; em vez de pratos, usam folhas, e tudo que fazem mostra que desejam tornar-se independentes. Por independência, entende-se bastar-se a si mesmo, e que aquilo que eles puderem obter de si mesmos, não devem ir buscar do exterior. E' esse o principal motivo dos que se esforçam pelo progresso próprio, porque esse é o remédio para sair-se das tristezas, perturbações e dores desta vida. Ha um esforço constante que se vê na vida dos adeptos por fazerem-se independentes, o mais possível, das coisas do exterior. Ao contrário, nós, a gente comum, todo dia pensamos que é progresso depender de outrem. Cada passo que nós damos é para a de-

pendência; e quanto mais dependemos de outros, mais pensamos que estamos progredindo. Afinal chegamos a um tal ponto que dependemos de outros por aquilo de que a alma precisa, por aquilo de que a mente precisa, por aquilo de que precisa o corpo. E, não conhecendo a significação disso, ensinamos a criança a levar à boca, outra coisa, em vez de sua mãozinha. Na realidade, é tão natural para uma criança pôr a mão na bôca; e é isto o brinquedo mais puro e mais limpo que ela pode ter para brincar.

Como podemos evitar que um menino quebre as coisas? E' muito difícil evitar que uma criança no primeiro ano destrua as coisas. Demais, a inclinação para destruir as coisas é a grande virtude na criança. E' desejo da alma conhecer o mistério da vida; porque todo o objeto deante de uma criança é uma cobertura sobre o mistério que a alma está a buscar. A criança está aborrecida com isso porque é uma cobertura. Ela precisa, quebrando essa cobertura, saber o que é. Mas, ao mesmo tempo, isso pode ser feito por sugestão, não por aborrecimento. O aborrecimento deve ser evitado, porque não é bom para uma criança aborrecer-se com isso.

Quanto mais paciência uma pessoa tem com uma criança melhor; sua vontade fica mais

forte. Mas si a gente se aborrece então, o sistema nervoso da criança decae, e ela fica deprimida. Seu sistema nervoso torna-se contraído, cansado; e, quando a criança crescer, permanecerá esse temor.

Devemos ser extremamente cuidadosos com uma criança, afim de que seus nervos não sofram espasmos. São delicados os seus centros nervosos; e são estes os centros intuitivos. Mais tarde, ajudarão eles a alma a perceber mais alto conhecimento. E, nestes centros são perturbados pelo aborrecimento dos guardians, perde então a criança a faculdade, pela qual deve crescer e tirar proveito na vida. Mas a criança compreenderá. Devemos ter paciência. Cada vez que a criança quebrar uma coisa, devemos repetir: “— Você não deve quebrar isso”. Deixêmo-la quebrar dez vezes, e mesmo assim a cada vez digamos: “Você não deve quebrar isso”; o que dará resultado.

Porque será que as crianças batem nas cabeças com as mãos, ou nos olhos, e querem arrancá-los? E’ uma tendência na criança. Qualquer objeto para que é atraída, dele que a criança dar cabo.

O Corão diz — cada coisa tem o seu tempo. E assim ha um tempo, ha um dia, uma hora, um momento fixado para a criança mu-

dar de atitude, por exemplo, para aprender a sentar-se, para aprender a andar. E quando os pais, ansiosos por ver a criança pôr-se de pé, sentar-se ou andar, a auxiliam, a criança faz isso antes do tempo, e isso age contra seu desenvolvimento; porque não é somente o fato de começar a criança a aprender a sentar-se, pôr-se de pé, ou andar, mas ha nisso uma significação maior. São esses os diferentes estágios que uma criança atravessa na sua vida espiritual. Fisicamente, são ações bem usuais; espiritualmente, é um estágio. Quando ela se assenta, é um estágio; quando se põe de pé, um estágio; quando começa a andar, um estágio. São estas como três primeiras iniciações na vida de uma criança.

Para compreender a significação do riso e do choro de uma criança, teremos de nos fazer criança, porque é uma linguagem de outra esfera. E quando uma pessoa não se perturba com isso, é o choro, então, somente um incômodo, e o riso um brinquedo. Quando a gente quer fazer uma criança rir mais e mais porque tem nisso interesse, ou seja isso uma diversão, ou quando se negligencia a criança, deixando-a chorar, e não se lhe presta atenção, em ambos os casos, e tambem no caso de estar a criança chorando e a mãe dizer: — Não

chora, não chora, não chora" — em todos estes casos, se perde a ocasião de compreender a linguagem de uma criança. Essa é a oportunidade para a ama, para a mãe, para quem quer que tome conta de uma criança, aprender a linguagem celeste. Pois que nada existe que não tenha significação alguma, e uma criança, que é uma expressão, um exemplo, de cima, todo movimento que ela faz tem uma significação. Mas, em vista de estarmos, da manhã à noite, absorvidos nas responsabilidades e deveres do mundo, esquecemos a responsabilidade e dever em relação ao menino. E porque a criança não pode falar em nossa lingua e dizer-nos quanto somos negligente em relação ao que ela precisa, ao de que ela tem necessidade, e ao que pode ser feito para ela, permanece ali um muro de separação entre a mãe e o filho.

A presença de uma pessoa indesejavel, de fora, a existência de uma pessoa indesejavel na atmosfera em que se acha uma criança, esta a percebe e sente. E' muito contra a sabedoria tomarmos uma ama qualquer para tratar de nosso filho. E' um infortúnio, nesse tempo, terem as mães muitas outras ocupações, de modo que não possam tomar conta de seu filho, e tenham de mandá-lo para o que se cha-

ma uma creche, lugar onde cuidam de meninos. Não se quer dizer com isto que não seja direito conservar-se uma criança no meio de outras, pois a verdade é que, depois de crescermos neste mundo, ficamos todos, sinão muitissimo, um pouco juntos.

E' sempre difficil para muitas pessoas trabalharem juntas, estarem juntas, juntas viverem; e entretanto havemos estado aqui na terra tantos anos, e ficámos acostumados a esta vida terrena. Que dizer, porém, de um menino apenas chegado a este mundo, e de ser o mesmo colocado entre crianças, onde a diferença entre a evolução de um menino e a de outro é infinitamente maior do que a diferença entre duas pessoas crescidas? Eles ainda não chegaram a juntar-se, e a atmosfera de uma criança é má para outra. A soldados, fica muito bem estarem muitos reunidos numa sala, como também a muitos doentes num hospital; imaginae, porém, que experimentariam muitos meninos ao serem colocados num lugar, depois de serem do Paraiso exilados na terra! E' como um rei fora do seu reino. Não ha dúvida que, depois de seis meses, ou um ano, se acostuma com isso uma criança; mas, ao mesmo tempo, a individualidade da alma e aquela possibilidade de se ela desenvolver fica embotada.

Não ha dúvida que se requer uma grande soma de paciência para tratar de uma criança. Mas a paciência nunca é desperdiçada; a paciência é um processo por meio do qual passa uma alma e se torna preciosa. As almas que se elevaram acima das limitações e tristezas do mundo, das falsidades e decepções do mundo, são as almas que passaram pela paciência. Si é destino da ama, ou da mãe, ter paciência, deve ela saber que não ha nisso perda alguma, mais um maior ganho que ela tem na vida. Levantar uma criança, velar por ela, educá-la, e entregar-se ao seu serviço, é uma obra tão grande e tão bôa como a obra de um adepto; porque um adepto se esquece de si mesmo pela meditação, uma bôa mãe se esquece de si mesma por dar sua vida ao filho.

Uma possibilidade há sempre de serem dados maus hábitos a uma criança. — A razão é esta, que às vezes a ama se diverte com o riso de uma criança e assim a faz rir mais e mais, porque é isso divertido. Mas quanto mais uma criança tenha rido, mais deve ela chorar depois, afim de estabelecer-se um equilibrio. E depois outra mãe existe que, assim que uma criança abre a boca para chorar, diz: "Caluda! Caluda!"; e, si fica uma criança quieta, alguma coisa no seu caráter está que-

brada. Ela precisa de chorar, deve-se-lhe permitir chorar; alguma coisa ha no seu caráter, que precisa de ser expelida. E depois ha uma tendência na criança para derribar as coisas que a cercam, para bater, dar com o pé, rasgar, quebrar os objetos. Algumas vezes, é uma coisinha tal que ela quebra ou estraga, que a mãe julga ser engraçado. Mas, si a uma criança fôr permitido fazer o que não se deve encorajar, isso mostra que se lhe ensina a fazer alguma coisa, que depois trará dificuldade. Ela deve ser corrigida, mas, ao mesmo tempo, não deve ser corrigida com raiva ou aborrecimento. Deve ser corrigida repetidamente, dando-se, porém, à criança alguma coisa para fazer, que não seja o mesmo que ela estava fazendo antes. Devemos sempre conservar a criança em foco para as coisas que forem bôas para ela, e sempre remover sua atenção das coisas que ela não deve fazer, ao em vez de gosar e divertir-se a gente com aquilo que ela faz, quando os pais julgam que não tem importância.

Tratemos agora da natureza má de uma criança. Às vezes mostra ela teimosia e obstinação em diferentes momentos, e até em tal extensão que a pessoa fica aborrecida e começa a repreendê-la. Isso porém, não é direito. A repreensão tem um máu efeito sobre os ner-

vos de uma criança. E uma vez causado um máu efeito sobre os nervos de uma criança, haverá sempre um sinal de aborrecimento sobre os nervos, através de vida inteira. A melhor coisa é chamar, em tais momentos, repetidamente, a atenção da criança para alguma coisa que afugente aquele pensamento, e nunca ficar disso cansado. E' isso que a fará voltar a um ritmo adequado.

Ha dois temperamentos principais da criança : o ativo e o passivo. Ha criança que está inteiramente feliz no logar em que a colocamos, inteiramente satisfeita, divertindo-se; só ao sentir fome é que chora; e outra que está sempre a fazer alguma coisa. Ou tenha de chorar, ou tenha de quebrar, rasgar alguma coisa; alguma coisa há de fazer. O melhor é trazer a criança ao ritmo normal. Uma criança ativa deve ser aquietada pela influência da ama, atraindo-se-lhe a mente para certa coisa, batendo compasso e trazendo-a para certo ritmo. A infância é o tempo em que a natureza impulsiva pode ser treinada, é o tempo verdadeiramente melhor para curar-se a natureza impulsiva, e tirar-se, na verdade, a melhor vantagem da natureza impulsiva. E si fôr uma criança de natureza quieta, contente, passiva, feliz, não devemos ficar satisfeitos com isso,

porque isso pode não resultar bem, afinal. Deve-se fazer tal criança um pouco mais ativa. A ela deve ser prestado um pouco mais de atenção, um pouco mais de brinquedos deve-se-lhe dar, deve-se pensar nela um pouco mais. Ela deve ser alevantada, estimulada; e sua atenção deve ser atraída para isto ou aquilo, a criança ficará mais ativa e mais interessada nas coisas que vê; e assim realizar-se-á um equilibrio adequado.

CAPITULO IV

A EDUCAÇÃO DO BÊBÊ

Dos cinco primeiros anos da vida de uma criança, os dois primeiros são considerados infância, os três seguintes meninice. Muitas vezes, há o desejo, da parte dos guardians, de educar o menino de quatro ou cinco anos em um jardim de infância, ou em casa. Esse tempo na vida de uma criança é o tempo do reinado, e a ânsia dos guardians por que comece ela a aprender não faz sinão impressioná-la com a nossa vida de competições. Porque nós estamos a competir nesta vida, e isso fica dia a dia pior; e o mesmo espírito, inconciêntemente, está fazendo pressão na existência da criança para que esta comece a tornar-se mais um entre os muitos competidores do mundo, afim de resguardar seu interesse quando crescida. Que dizer, porém, acerca dos anos mais abençoados que o destino assegurou ao bêbê, nos quais não ha nenhuma pressa, nenhuma ansiedade,

malícia e ambição? Esse é o verdadeiro reinado. Si compararmos um bebê com um rei, veremos que o bebê é rei, e que o rei é a imitação. Sem dúvida, é melhor que a criança aprenda no jardim de infância, onde se lhe ensina somente o alfabeto, porque ali a mente se lhe distrae, e a criança tem com que brincar. Mas, ao mesmo tempo, mesmo atraindo a mente da criança para um horizonte limitado, limitado está sendo o crescimento da sua alma. Era muito melhor, como faziam antes, camponeses e gente não civilizada, conservar seus filhos naquela idade perfeitamente livres para correr, trepar nas árvores, brincar com terra, pular, correr e brincar com seus companheiros de brinquedos.

E' um grande engano, ao contrário, e um erro também da parte dos guardians, privar dessa liberdade a criança, dessa felicidade que os Céus lhe asseguraram naquele período.

A história do exílio de Adão do Jardim do Eden prova apenas que ha um determinado tempo na vida de uma pessoa, durante o qual estava ela no Jardim do Eden, e depois desse tempo foi exilada do jardim do Eden, e não mais tem experimentado aquela alegria aquela felicidade e liberdade, que uma vez experimentou. Não ha uma alma neste mundo que não

tenha experimentado o Jardim do Eden, e esse Jardim do Eden é a infância.

Chegamos agora à questão de controlar a atividade intensa dos meninos.

Em primeiro logar, a sua intensa atividade é cansativa para as pessoas da família, porque são diferentes seus interesses. Mas isso não é uma falta da parte da criança, que seja diferente seu interesse.

Por exemplo, o guardião está a trabalhar, está escrevendo, está descansando, ou pensando em alguma coisa deste mundo, e a criança está brincando, fazendo barulho, e o guardião pensa: "Não, isto não está direito". Mas, de acordo com que lei, não está direito? E' uma falta de consideração não ser o guardião tolerante para com a atividade do bebê. Sem dúvida, não está ela ajustada com a gente aqui da terra. Mas as crianças não são terrenas, são criaturas celestes. Deve-se-lhes dar liberdade para gosar sua vida celestial, quando se pensa que a gente aqui na terra tem direito a gosar a vida.

Não ha dúvida que ha um certo limite para isso. Dirão as pessoas grandes: — "Não as deixaremos quebrar os objetos em casa". — "Não as deixaremos estragar os objetos em casa". — "Não as deixaremos perturbar-nos

em nosso trabalho." Mas tudo isto é terreno. Falando a verdade, o guardião direito não tem de impedir que o bebê tenha livre atividade, e todo o esforço deve ser feito pelo guardião para permitir ao bebê sua livre ação. No brinqueado das crianças, nos seus empurrões e espelhafatos, nos seus gritos e saltos, corridas e trepações, sua alma está expressando-se. Chamamos a isso travessura; elas, porém, não o consideram tal. Mesmo que lhe chamemos travessura, pensam que, para elas, é legítima; e assim é. E porque nós as controlamos e as fazemos ajustar às nossas próprias vidas, com isso ficam limitados sua energia, seu entusiasmo, seu espírito; e por esse meio seu real progresso é embaraçado.

Nesta idade, a criança é conciente das esferas mais altas. Muitas vezes souberam as crianças a respeito do que se estava passando na frente, durante a guerra, muito mais do que sabiam as próprias autoridades. Sabiam intuitivamente, às vezes em seus sonhos, às vezes numa espécie de profunda imaginação; e quando alguma coisa diziam a mesma coisa acontecia. Mostra isso que, aos quatro, cinco, seis e sete anos, o menino é extremamente intuitivo, porque nesse tempo está sob a influência dos gênios.

Aos três, quatro e cinco anos de idade, o bebê é muito imitador; tudo que ele vê quer imitar. É a melhor maneira de educar o bebê é pôr diante dele tudo que vale a pena imitar. Por exemplo, sons, notas, ritmo, e qualquer coisa pertinente a som e ritmo constroe e embeleza o caráter, e forma o alicerce do caráter, na infância. A melhor coisa seria, até cinco anos de idade, nada ensinar ao bebê em matéria de algarismos, alfabeto e letras, seja o que fôr. Regularidade é só o que se pode ensinar às crianças nessa idade, sem elas o sentirem; regularidade no dormir, no despertar, no alimentar-se, no brincar, e no aquietar-se. Fiquei muitíssimo interessado no que Madame Montessori me disse quando estive na Itália, isto é, que : além de todas as práticas dadas por ela aos meninos, os faz guardar silêncio; e depois de pouco tempo eles gostam tanto disso que preferem o silêncio a qualquer atividade. E interessou-me ainda mais ver uma pequena de cerca de seis anos de idade, a qual, chegando o tempo do silêncio, ia fechar as janelas e a porta, e afastava todas as coisas com que estava brincando; depois então vinha sentar-se na sua pequena cadeira, fechava os olhos, e não os abria durante cerca de três ou quatro minutos. Poder-se-ia ver no seu rosto inocente

uma angélica expressão. Aqueles cinco minutos de silêncio, parecia ela preferi-los a toda a brincadeira do dia inteiro.

Os meninos gostam do silêncio, assim que ficam acostumados com ele. O silêncio não é um esforço para um menino. Somente ao começo pareceria ser desagradavel para um menino, que está ansioso por brincar e correr, o sentar-se e fechar os olhos. Para ele, sentar-se e fechar os olos parece, ao principio, enfadonho. Mas uma vez que se acostuma aguardar silêncio, dentro de quatro a cinco dias, ou de uma semana, começa a gosar a felicidade do silêncio.

As vezes, da parte da guardian, ou das pessoas que cercam um bebê, ha uma tendência para divertirem-se com a sua irritabilidade. E' uma pequena distração para elas. Pois que elas amam o bebê gostam da carinha zangada que faz. Mas, apreciando isso, desenvolvem aquela natureza; reconhecendo isso, observando isso, desenvolvem aquela natureza. O melhor é não olhar, não notar, não atentar, não sentir por um momento que o menino está irritado. E uma vez que o guardião não toma conhecimento disso, o bebê começará a diminuir aquela tendência.

Ha tambem uma tendência da parte do guardião para zangar-se com a irritabilidade da criança. E' tambem errado; porque, zangando-se, a gente dá à criança, justamente como lenha ao fogo, a energia para ser mais irritada. O ofício de guardião de uma criança requer grande paciência; e, quanto mais paciente uma pessoa fôr, mais sábia será com a criança, mais poderá concorrer para seu progresso. Muitas vezes, na irritabilidade, seja de uma criança ou de uma pessoa crescida, ha uma razão oculta, e essa razão é uma razão fisica. Alguma coisa há fisicamente errada que os outros não conhecem; e pensam apenas que esta criança é irritavel por natureza. Atribuem a irritabilidade à criança, em vez de verem que existe nela alguma coisa fisicamente errada. Procurando isso descobrir, uma pessoa será capaz de tolerar melhor aquela condição.

Há uma outra tendência no bebê, a de mudar suas maneiras durante o seu desenvolvimento. Uns dias é ele amavel, outros dias menos amavel; uns dias é ele mais angélico, outros dias menos angélicos; nessa marcha, muda ele suas maneiras. Nessa fase, o maior cuidado se deveria ter para controlar todos esses modos da criança, sem forçá-la demasiado, na sua vontade própria. Si um bebê, por exemplo, es-

tiver muitissimo inclinado a chorar, muitissimo inclinado a rir, ou si o bebê estiver muitissimo inclinado a destruir qualquer coisa, ou muitissimo inclinado a brincar, o melhor será dirigir sua atenção para alguma outra coisa; si ele estiver rindo muitissimo, dirigir sua atenção para alguma coisa que lhe mantenha a mente ocupada, que o faça mais equilibrado, que afaste sua atenção da idéia que o faz rir. Si ele estiver chorando, a mesma coisa deverá ser feita: derivar a atenção da criança do objeto, pensamento ou condição que a fazem chorar, e dessa maneira estabelecer um equilibrio na sua vida.

Chegamos agora à questão: Ha logar na vida de um bebê, para religião? A resposta é: A melhor oportunidade para semear a semente da religião, é essa da primeira infância, porque é nesse tempo que a qualidade angélica está fresca, e a qualidade de gênio começa a desenvolver-se.

Perguntar-se-á: De que maneira ensinar-se-á religião à criança? A velha e antiga lição, dada por todos os Profetas e Mestres, do Idéial de Deus, o que provará sempre ser a melhor lição, — dar à criança a idéia de Deus, o Deus da bondade, o Deus da beleza, o Deus da compaixão, o Deus do amor, o Deus da har-

monia. Si existe nalguma criança uma tendência espiritual, ela a mostrará mesmo desde os cinco anos de idade. O amor da oração, por exemplo, o amor do idéial de Deus, o sentimento de alguma coisa sagrada, a reverência por alguma coisa religiosa, poderia parecer que isto ali já estava, que a criança nasceu com isto. E algumas vezes os atributos religiosos, devocionais e espirituais se vêem tão distintamente numa criança em crescimento da infância para a meninice. A tendência espiritual é inata, e quando se mostra numa criança devemos saber que a criança a trouxe de cima. A criança é mais susceptível do idéial de Deus, muitas vezes, do que uma pessoa grande; porque a pessoa grande, por estar absorvida nas coisas do mundo, perdeu a idéia de Deus. O mundo é o que ela tem deante de si. A criança ainda não tem deante de si o mundo; a criança, portanto, é mais capaz de conceber a idéia de Deus do que uma pessoa grande. Quando se perde essa oportunidade, quando as pessoas estão criadas, imaginam então que alguma coisa lhes está faltando na vida, e pensam: "Tivesse eu conhecimento de Deus, teria sido muito melhor". E entretanto é demasiado tarde, agora; é difícil agora para elas conceber a idéia de Deus, porque a semente não foi

semeada naquele tempo, o tempo mais apropriado para isto.

Inúmeras almas existem que, por causa de não lhes terem dado os pais a idéia de Deus, acham esta a coisa mais difícil de conceber-se; e ao mesmo tempo está sua alma constantemente a procurá-la. O guardião, porém, deve tomar o maior cuidado para não semear a semente do fanatismo com o idéial religioso. Si o fizer, terá feito um grande mal à criança. Por fanatismo entende-se que ha um tempo em que uma pessoa acredita em Deus, e que é tempo muito abençoado; e quando ela está mais evoluida na vida mundana, então lutará por sua Igreja, que é a idéia principal; e quando estiver ainda mais evoluida, então despreza uma outra. E assim evolue uma pessoa para mais e mais alto. Essa evolução é que se chama fanatismo. Seja a criança desde a infância impressionada por esse espírito, e o principal objeto estará perdido. O principal objeto da religião é o de elevar a criança para o mais alto idéial. Isso pode ser feito dando-se-lhe a chave da religião, e essa chave é o idéial de Deus.

O guardião tambem deve sentir-se responsável por que não seja dado à criança mais pesado alimento do que ela possa digerir na forma de religião. Muitas vezes, ha guardians

cheios de uma idéia filosófica, de uma idéia melhor de religião, de uma concepção ética de religião, que eles desejam inspirar à criança naquela idade. E assim fazendo, fazem a coisa ainda peor; porque, em vez de darem a primeira lição, talvez tenham dado uma lição por demais adeantada para a criança, e tudo se perde. E' precisamente semelhante a dar-se demasiada agua à planta, que está crescendo, a qual morre por causa da abundância de agua que ela não pode absorver.

Ha um grande número de guardians, que falam filosoficamente a um bebê, porque sua concepção filosófica é tão abundante que eles pensam dever derramar-se na criança; e si a criança fica demasiado cheia disso, logo terá de esquecê-lo. Devemos nos tornar criança com a criança, afim de educá-la. Devemos falar na sua própria lingua, e dar-lhe somente aquilo que ela possa conceber.

Um pequeno exemplo: Certa vez, uma ama foi a um sábio e disse: — “Este menino faz perguntas admiráveis, e eu não posso responder-lhe”. O sábio indagou: — “Quais são as perguntas?” Disse ela: — “Quando este menino se preparava para fazer a oração da noite, antes de ir deitar-se, me perguntou: — “Deus está no Céu, la em cima no Céu, então

porque devo eu curvar-me tanto para a terra ?” Ficou a ama bem perplexa; não soube como responder; e si esta criança não obtivesse uma resposta, sua crença, desde aquele momento, estaria perdida. Esse é o tempo em que a alma começa a inquirir sobre a vida e seus mistérios.

O sábio perguntou á criança : — “Que diz você ?” A criança explicou-le; e o sábio disse : — “Pois bem, Deus está no Céu, mas onde estão os Seus Pés ? Na terra. Inclinando-se para a terra, está você a tocar-lhe os Pés”.

Isso lhe deu a razão, pela qual, embora a Cabeça de Deus esteja no Céu, os Pés de Deus estão sobre a terra; e tocar portanto, a terra é tocar os Pés de Deus. O menino ficou inteiramente satisfeito.

Os meninos muitas vezes, chegam ao ponto de perder sua crença, porque sua crença é justamente como uma plantinha, uma planta semeada que surge da terra, e que, si não fôr bem guardada, poderá ser destruída num momento. E, portanto, devemos ser o mais particular. Não importa que uma pessoa crescida tenha hoje uma crença e amanhã abandone sua crença. Não importa, porque sua crença não era nada. Mas a crença de uma criança é diferente. A crença de uma criança é uma

coisa séria. Ela a tem, sem duvida; aquilo em que ela crê, seriamente o crê; e portanto sua crença é a verdadeira crença. Si tal crença fôr destruída, será grande pena e grande perda.

Uma criança um dia chegou junto a seu guardião muito perplexa porque um menino lhe dissera : — “Você acredita em Papai-Noel ? Si você acredita em tal coisa, não está direito, porque nunca existiu essa entidade — Papai-Noel”. Esta criança estava muito desapontada porque tinha justamente escrito uma carta a Papai-Noel, antes do Natal. E no seu grande desespero foi perguntar ao guardião : — “E’ ou não é verdade que existe Papai-Noel ?”

Suponha-se agora que o guardião dissesse : — “E’ verdade”. Então, depois de quatro ou cinco anos a criança teria vindo a dizer : — “Não, não é verdade”; e si ele tivesse dito “não, não é verdade”, então a descrença da criança ter-se-ia tornado completa. A criança teria mudado completamente si o guardião tivesse dito : — “Não é verdade”. Isso teria eradicado, precisamente por dizer não, toda a a pequena crença religiosa, que estava no coração da criança. Disse-lhe ele : — “Lembre-se de que tudo que a mente pode conceber existe. Si não existe no plano fisico, existe na esfera mental. Assim nunca diga — isto não existe.

Aquele que disser — isto não existe, diga-lhe que existe na esfera mental”. E a criança ficou muito impressionada com isso. Agora, de tal resposta, uma criança pode lembrar-se durante a vida inteira. Si ela evoluir de tal forma que tocar os Céus, ainda assim acreditará nela. Nunca na vida, em tempo algum, ela dirá : — “Não acredito nisto”. E, ao mesmo tempo, é isso uma crença que ela pode segurar na mão, é tangível. Nunca pode ela dizer : — “Isto não existe, não é real”. Pode ela dizer : “Isto é real”, como criança e como pessoa grande também.

E' melhor conservar a criança ignorante, o mais tempo que se possa, de todas as histórias de fantasmas. As histórias de fantasmas impressionam e interessam a criança muitíssimo, e, sua mente, por isso, toma uma outra direção, uma direção que não é conveniente para ela. O melhor é sempre evitar conversação a respeito de fantasmas e espiritos, e também sobre o demônio. E o melhor modo de evitá-lo é fazer disso uma brincadeira. Uma resposta espiritual, que desvie a mente da criança, da idéia de fantasmas, para uma brincadeira, seria a melhor coisa. Mas, ao mesmo tempo, dizer que não existem fantasmas e demônio é tomar sobre si uma responsabilidade muito grande; e

negar uma coisa que está escrita na Biblia ou gar uma coisa que está escrita na Biblia ou nas escrituras, e fazer do menino um descrente, de maneira que, depois de crescido, não acreditará ele em coisa alguma.

[E' das coisas mais essenciais que na infância se ministre um ensino religioso. Si o guardião não for apto para discutir religião com a criança, é melhor não discutir, mas dar à criança o hábito de sentar-se em silêncio por um momento, de pensar no idéial mais alto, Deus. A maneira de Christo era dar à humanidade o idéial de Deus, Deus como o Pai Celestial. Qual a razão disso? A razão era que isso é concebível. Mesmo uma criança pode compreender aquela idéia : Pai, Pai Celestial, o verdadeiro Pai. Além disso todos os outros nomes que os profetas e Mestres têm dado a Deus são realmente impróprios, era preciso apenas fazer o povo compreender. A mente do povo apenas pode conceber estes nomes : o Juiz, ou o Creador, ou Ser Supremo, ou Rei do Dia do Juizo. Não são os nomes de Deus, todos os nomes dados não são nomes de Deus. Deus não pode ser limitado a esses nomes; são nomes pequenos de mais para Deus. Ao mesmo tempo é isto tudo quanto se pode fazer para tornar o idéial de Deus tão concreto, para a mente, quanto possível. Para a criança pen-

sar desde a infância que existe um amigo desconhecido, que se não vê, e que : “Ha Alguem Que ouve minhas preces, Alguem Que pode estar comigo em meus embarços e dificuldades, Alguem Cuja bênção eu peço, Alguem Que me proteja, Alguem Que é semelhante a minha mãe e a meu pai, posto que desconhecido, e não visto”, que força, que ajuda isso e mesmo desde a infância ! Mesmo si a criança não seja capaz de fazer isso claro a si mesma, ainda assim, inconcientemente, sentirá no seu intimo que ela pode ficar apoiada, nesse suporte, um suporte tão grande que a todo tempo, quer a criança tenha pais, ou na ausência deles, em todas as condições, ela pode sentir que : “Existe Alguem Que sempre ali comigo está”. E si este idéial fôr desde a infância construido por sábios guardians, ajudará a criança por toda sua vida.

CAPÍTULO V

A EDUCAÇÃO DO BÊBÊ

(*Conclusão*)

O guardião não precisa desencorajar-se por encontrar obstinação, irritabilidade e egoismo na criança pequena. Devemos saber que isso ou foi herdado por ela, ou chegou devido à saude física do bebê; e deve ser tratado com a maior prudência. O fogo é aumentado pelo fogo, e a planta da irritabilidade é regada com a cólera. Quanto mais reagir o guardião, mais encorajará essa tendência no bebê. Ficar aborrecido com a criança que está geniosa significa soprar nela a fagulha da cólera. O melhor caminho é primeiramente fazer o bebê se dar bem com a gente, e depois, com essa correspondência, fazê-lo obrar de acôrdo com as ordens do guardião. Si a teimosia do bebê puder ser dirigida com vantagem para ele, então poderá ele

ser beneficiado pela teimosia. A teimosia pôde ser de grande utilidade; em seu maior número, as grandes individualidades neste mundo se tornaram grandes por essa natureza de obstinação em seu caráter, porque ela, em si mesma, é uma força, é uma energia. Um homem de negócios obstinado pôde fazer sucesso, um guerreiro teimoso pôde vencer, um político obstinado pôde conseguir seu objetivo, um industrial pertinaz pôde realizar grandes coisas. A teimosia, portanto, si dirigida convenientemente, pôde ser de grande utilidade. E' preciso apenas que se amolde a mente da criança em tal direção que a sua teimosia possa tornar-se produtiva. O menino teimoso é que se assentará e acabará um tarefa que se lhe der; si não fosse aquela obstinação ele não o faria. Às vezes, da teimosia vem o espírito de rivalidade, e muitas vezes o espírito da rivalidade se torna o meio de obter sucesso.

Delicadeza é a principal coisa; especialmente aos quatro ou cinco anos de idade a lição de boas maneiras deve ser dada. A primeira lição que se tem de ensinar é a de como aproximar-se e ser amavel, e de como sentar-se quieto, em ordem, na presença do guardião. Si o guardião a todo tempo estiver amimando o bebê, este ficará estragado. Deve haver uma

alternação. Deve haver uma ocasião para amimar o menino, e ele precisa de amor, o amor é o seu sustento; mas, por outro lado, ha ocasiões, em que o menino deve estar em ordem, sentar-se, estar de pé, ou fazer alguma coisa que se lhe dá para fazer; e nessa ocasião nada de mimos.

Ha uma coisa que desde a infância deve ser — “Como você é um bebê, como você é jovem, não tem bastante conhecimento. Embora pareça, errado, ha nisto alguma coisa acertada. Você não conhece, portanto não deve contraditar; e não deve contraditar o seu guardião deante de outras pessoas. Si pensar que o seu guardião está no êrro, então quando as outras pessoas se forem, você pôde chegar-se ao seu guardião e dizer: — “Aquilo não estava certo, ensinada, e essa é não disputar. Si essa tendência, desde a infância não fôr suprimida, talvez cresca inconscientemente, e ao depois o guardião achará que é das mais desagradaveis. Uma pessoa que não fôr desde a infância contrariada nessa tendência, por mais que tenha aprendido, ao depois, as boas maneiras, aquela voltará de uma forma ou de outra; e será isso a peor insolência. Tambem, si o menino contradiz, deve sempre ser contrariado, até ao ponto em que o guardião possa dizer ao menino:

o que vossa mercê me disse; mas você não deve dizê-lo diante dos outros, porque você não conhece o que o seu guardião disse. Alguma razão deve haver nisso". Quando uma, duas ou três vezes houvermos dito isso ao bebê, ele compreenderá. E' mais facil trabalhar-se com um menino do que com uma pessoa grande.

Ao mesmo tempo, se deve inspirar o bebê com o espírito de respeito a si mesmo. Esteja alguma coisa deliciosa sobre a mesa, alguma coisa atraente na sala, alguma coisa bonita a seu alcance, moedas de ouro e de prata estejam soltas em sua presença, sua tendência natural para apanhá-las, perdê-las, quebrá-las, destruí-las, deve ser refreçada. E como deve ser refreçada? O bebê não deve pensar que está sendo afastado à força daquilo que o atrai, mas sim que o seu respeito a si mesmo o leva a não olhar para aquilo. Faça-se o menino tão orgulhoso que lhe seja agradável afastar os olhos do doce que está sobre a mesa, que ele sinta um grande orgulho e uma grande honra em pensar que nem olhára para aquilo. Isso ensinará ao bebê paciência; e o seu respeito a si mesmo traz-lhe uma alegria tal como nem o doce nem o brinquedo lhe dariam, pois que isso lhe toca o próprio ser, lhe desperta a alma ao sentir-se

o menino orgulhoso e ao recusar alguma coisa para a qual, no seu íntimo, esteja atraído.

Não se quer dizer com isto que ao bebê se negue tudo que é bom e bonito: Não, deve-se lhe ensinar que ele deve tomar aquilo quando se lhe dá; mas, quando não se lhe dá, o bebê deve sentir-se bastante orgulhoso de afastar-se, ele mesmo, daquilo.

Deve-se ensinar o menino a não ter entusiasmo exagerado por coisa alguma que o atraia, seja um doce, um brinquedo, ou qualquer coisa bonita; não mostrar uma apreciação demasiada. Porque é uma humilhação, é fazer-se pequeno diante do objeto pelo qual se sente entusiasmo. O bebê deve ser orgulhoso de mais para sentir entusiasmo. E lembremo-nos de que um bebê começa a apreciar isso mesmo, si não ao princípio, mais tarde um pouco. O autocontrole dá ao menino um tal sentimento, e uma tal força e satisfação que ele principia a gostar disso.

Deve-se obstar que o menino julgue assim: — "Você tirou mais do que eu", ou "Meu irmãozinho", ou "minha irmãzinha teve mais do que me deram, a mim". Acaba-se com isso. Ela não deve julgar; deve apreciar o caso. Deve ficar contente, si o irmãozinho, ou a irmãzinha, teve mais.

Naturalmente, ele não ficará contente, mas, si fôr ensinado, então ficará contente, e gosará de ficar contente.

As virtudes são virtudes porque dão prazer, uma vez praticadas. Si uma virtude não dá prazer, não é uma virtude.

Muitas vezes os guardiães não dão importância à escolha dos brinquedos que se entregam ao bebê para brincar. Ha certos brinquedos, cujos efeitos o fazem preguiçoso, outros que o fazem confuso, ou que produzirão estupidéz, tornarão o menino irritavel, ou timido. Inconscientemente produzirão esse efeito no menino. Além disso ha certos brinquedos, que não trazem ao menino beneficio algum ao brincar com eles. Quando pensamos no quanto é precioso cada momento da infância na existência de uma alma, e depois negar-se tudo que possa aumentar-lhe o progresso, vemos que isso é uma grande lástima. Até na escolha de brinquedos, deve haver discriminação, e saber que brinquedo inspirará o menino, agradá-lo-á, e elevará sua alma. Ha muitos brinquedos sem significação, de horriveis caras, brinquedos horriveis, nada possuindo de belo.

No entanto o menino gosta deles, porque gosta de qualquer coisa. Às vezes um menino gosta de um boneco sem braços ou sem pernas.

Mas nós devemos dar à criança brinquedos bem acabados e não sem braços ou pernas. Algumas vezes gosta ela mais de brinquedos horriveis. Por exemplo, de que serve um desses ursos de pano ao menino? Inspira ele o menino, eleva a alma do menino? Nada faz. Ao contrário, causa na mente negativa do menino a impressão de um animal. Isto não é bom. Muitas vezes, ha brinquedos que nenhuma inspiração causam, que não têm ação nenhuma, e por isto produzem no menino um efeito de confusão. Dá-se um urso de pano ao menino porque se pensa que ele o aprecia. Mas porque havemos de dar à criança alguma coisa porque a criança gosta disso? Camaradagem com o urso? Ha muita coisa mais para ocupar a mente de uma pessôa. Além disto, ha certos brinquedos que nenhum exercicio dão à mente e nenhuma inspiração ao menino; e isso o faz preguiçoso. Alguma coisa construtiva é o que convém. Por exemplo, um trem que roda, ou um instrumento que produza sons, isso é o que convém para uma criança, ou alguma coisa que se possa compôr. As peças de pinturas, por exemplo, com as quais a criança pode fazer uma pintura, ou os pequenos cubos, pilares e diferentes peças com que pode fazer uma casa, ou alguma coisa, tais brinquedos são bons. Em resumo,

todo o brinquedo tem de ser construtivo, deve conduzir a algum objetivo; isto é o principal.

E' bom para as crianças brincar com animais? Não, não é muito bom para o menino brincar com animais. Apenas, si a criança pode ter um sentimento amistoso para com o animal, isso é mais do que bastante; porque toda associação produz o mesmo efeito neles mesmos. E muitas vezes a tendência do guardião é para pensar que a criança gosta muitíssimo do animal. Não é isso, porém, muito bom para ela; de um ponto de vista psicológico, é as vezes máu para a criança.

Além disso, os brinquedos de meninos não devem ser dados ás meninas, e os brinquedos de meninas não devem ser dados aos meninos. Si os meninos se acostumam a brincar com brinquedos de meninas, então a sua mente segue uma outra direção. Si tem uma rapariga tendência para brincar com rapazes, e não gosta outro tanto de brinquedos de raparigas, deve a guardian proibi-la de brincar com os rapazes? E' melhor que a rapariga tenha seus próprios brinquedos, e que os rapazes tenham os seus. Ambos devem ter brinquedos adequados a eles; e muitas vezes os guardians não discriminam entre eles.

E' mau para as crianças brincar com soldadinhos de chumbo? Sim, isso desenvolve uma tendência para a luta. Mas é questão delicada, e a gente não deve ditar regras sobre isso. Terrível coisa seria si o menino não brincasse com flecha, arco e espada, com qualquer coisa parecida com soldado, e então, quando tivesse vinte e um anos de idade, o país o chamasse para defender a nação, e ele nada tivesse conhecido antes a respeito disso, não tivesse disso recebido antes uma impressão. E' no entanto uma questão muito sutil para ser respondida. E' também uma questão quando toda a nação estiver para ter uma guerra e houver um menino, talvez, que sinta: "Eu não vou porque não estou de acôrdo com o principio". Sim, si ele não estiver de acôrdo com o principio, muito bem. Mas ao mesmo tempo ele está querendo partilhar da ordem e da paz que são mantidas pela nação, partilhar de todos os privilégios de ser um membro da nação. Partilhar delas, e depois recusa o que a multidão quer que ele faça. E' contra seus principios, é certo; mas o que a multidão deseja que êle faça ele recusa, não recusa, porém, os privilégios. Si recusa os privilégios, é diferente. Si ele faz como os sábios, si do país se retira e vae viver à sombra de uma arvore, é diferente. Si não precisa

de dinheiro, si diz: — “Não vos faço competência; não preciso de nenhum dos benefícios do vosso progresso na vida; não guardo nenhum dinheiro que algum ladrão me venha furtar, pelo qual eu tenha de ir ao vosso tribunal”, o caso, então, é diferente. Mas, si uma pessoa está pronta a partilhar todos os privilégios pertinentes ao país, e quando chega o tempo de o defender, então diz: — “Isto é contra meus principios”, o caso é diferente. Nunca pensar que isto signifique viver em pé de guerra. Mas, ao mesmo tempo, deixa o rapazinho ter capacidade para tudo.

Chegamos agora à apreciação de todas as pequenas maneiras que fazem dócil o menino. Não devemos passar sobre elas em silêncio. Toda bôa inclinação da criança deve ser posta em destaque e apreciada. Nunca pensar que, mostrando-se-lhe apreço, a criança ficará orgulhosa.

Não, encorajada é o que ela será. E' justamente como aguar-se uma planta o apreciarmos qualquer coisa de amavel nos modos de um bebê. E não ha em toda a vida de uma pessoa um tempo, em que se aprecia tanto uma palavra de louvor, como aquele em que ela é um bebê. A criança realmente a aprecia, e encoraja-se para fazer a mesma coisa outra vez.

Trataremos agora da censura. Para tudo que o menino tenha feito de máu, a primeira coisa é raciocinar com ele, convencê-lo. E si ele, à primeira vez, não se convencer, na próxima vez, na terceira, na quarta vez, continuemos. Nunca ficar desapontado, mesmo si dez vezes tivermos de convencer o bebê.

Frequentemente, pensa o guardião que é perder tempo de mais raciocinar com o menino, que não compreende. Sucede isso facilmente quando a gente grita uma palavra de repreensão e termina. Mas aí não se deve ficar. Muito ralhar embota o espírito do menino. O espírito do menino deve se conservar tão fino e tão afiado que o menor lance de olhos o faça ferido no seu amôr próprio. Si ralharmos, porém, a todo tempo, com a criança, isso lhe embotará o espírito, e a criança ficará de mal a peor.

Nunca imaginemos um só momento que a criança não faz caso do nosso raciocinio. Si assim fôr, à primeira vez, na segunda ou terceira vez, ela o tomará em consideração.

Deve-se continuar raciocinando com o menino; e assim fazendo o guardião traz o menino mais ligado ao seu espírito, pois que o menino sente uma amizade entre ele mesmo e o guardião. Raciocinando, a gente conduz a

criança para mais perto do nosso próprio espírito. E si, raciocinando, a criança não escutar e o guardião tiver raciocinado muito e muitos dias, então o que ha a fazer é a tentação, tentar a criança com um doce, com uma flôr, com alguma coisa que ela aprecie, com amôr, com estimação; dizer: — “Você fez direito”, — “agora que você o fez perfeitamente, dar-lhe-ei isto”, — “Dar-lhe-ei o brinquedo”; — “si você fizer isto, dar-lhe-ei o doce”. Mostre-se apreço à criança, procuremos tentá-la a fazer direito. Esta é a proxima etapa. E’ preferível que o menino aprenda com raciocínio; si assim não fôr, então a recompensa deve fazê-lo escutar.

Si porém, mesmo a recompensa não fôr bastante, o terceiro caminho, então, será a repreensão, o castigo. Mas a repreensão deve ser bem curta. A repreensão deve ser na voz e de maneira que já dissemos. Não deve ser dura, não deve ser áspera. Deve haver uma tonalidade, que a criança imediatamente compreenda que é repreensão. Devemos evitar a repreensão tanto quanto possível; mas, si não pudermos, tem logar então o terceiro modo.

Ha um método errado, que muitas vezes adotam os guardians — talvez, no Oriente seja adotado mais do que no Ocidente — e esse mé-

todo é aterrorizar a criança dizendo-lhe que lá vem um duende, ou coisa semelhante; que, si ele continuar a ser máu, virá uma coisa para aterrorizá-la, um fantasma ou um espírito. Isso é o peor que se pode fazer com uma criança, cada um desses choques, produzindo-lhe o terror, lhe diminue grandemente o entusiasmo do seu espírito de progresso.

Esbarra o progresso da alma aterrorizar-se por qualquer coisa.

Muitas vezes um menino teimoso, que não ouve e não obedece, mandando-se-lhe três vezes que volte, muda seu ponto de vista de uma vez. Si quizermos fazer sentir a criança mais profundamente, si dissermos à criança orgulhosa que se ponha de pé no canto, de costas voltadas para todo mundo, ela na verdade sentir-se-á maguada. A terceira coisa é mandar que ela saia fóra e se ponha de pé atrás da porta. Isso molesta à criança excessivamente.

Mas é direito castigar uma criança? O castigo é natural. Toda alma é castigada de uma forma ou de outra. Para cada coisa que fazemos ha um castigo; é a lei da natureza. A lei da vida tem, da mesma fórma, sua punição. Mas o castigo para a criança deve ser um castigo brando. E’ melhor evitar um castigo severo, dar sempre um castigo que seja um pe-

queno castigo mental, que faça a criança pensar que está sendo punida. Suponha-se que mandamos a criança ir de um lugar para outro cinco ou dez vezes, ou, por exemplo, fazemo-la andar deste para aquele ponto, — falando a verdade, caminhar dez vezes é um divertimento para a criança, mas, pelo simples fato de ser ordenado como castigo, a criança não gostará disso. O sentimento de estar sendo punida, só isso a corrigirá. Afim de punir, não é preciso torturar a criança; apenas se deve fazê-la pensar que está sendo punida. Não é preciso mais.

Algumas vezes os guardians pensam que, em certos casos, é necessário bater na criança, dar-lhe uma bofetada. Esbofetear, às vezes, é perigoso, porque existem veias e alguns órgãos delicados na fronte e nas têmporas, e a bofetada poderia algumas vezes causar um estado que se não manifestaria naquela hora, mas depois de vinte ou quarenta anos, poderia manifestar-se. Portanto, em vez de esbofetear, afinar os ouvidos é bem acertado. O castigo tem um efeito péssimo, que é o de embotar a agudeza do espírito da criança. Muitas vezes, o castigo fará bem à criança; mas, de um modo ou de outro, embota-lhe a fineza; e portanto, si possível, devemos experimentar o trabalho educativo, sem castigo. Depois de dar bom aviso,

conselho e encorajamento, e depois de mostrar apreço, depois de fazer tudo possível, então, a última coisa é afinar os ouvidos.

Os meninos são mais teimosos do que as meninas, às vezes; e si lhes dermos um pequeno castigo em forma de ginástica, isso as corrigirá. Si mandarmos um menino assentar-se e pôr-se de pé cincoenta vezes, isso apenas o ajudará na sua ginástica, e ele ao mesmo tempo, sentir-se-á castigado.

E' difícil controlar os meninos, e facilmente se tornam eles insolentes, si desde a infância não são treinados. Uma rapariga é, por natureza, pensativa, e um rapaz é o contrário também por natureza. Quando um rapaz é meditativo, isso quer dizer que o aprendeu na vida. Muitas vezes pôdem ambos, rapazes e raparigas, ensinar-se por meio da repetição. Por exemplo, si mandarmos o menino repetir cem vezes: — “Não farei riscos de lápis na parede”, ele ficará impressionado por isso, após repetí-lo uma centena de vezes.

Que diferença ha no efeito de fazer uma criança repetir a frase, e mandar escrevê-la cem vezes? Si fizermos a criança escrever a frase cem vezes o efeito será uma quarta parte comparado com o efeito de fazê-la dizer a frase cem vezes. Enquanto está ela repetindo cem

vezes, fica impaciente, cansada, aborrecida com aquilo, e ao mesmo tempo impressionada de estar sendo punida. Quando a gente manda um menino ficar de pé durante um longo tempo, e repetir: — “Não serei maligno”, no espaço de tempo de quinze minutos, ele afastará de si uma grande parte daquele espírito de malignidade.

Póde-se dizer: — “Si a criança não cumprir o castigo, por exemplo, não repete a frase, que se deve fazer? Seguramente, a criança o fará. E si, desde a infância, não for controlada, então se tornará insolente e recusará pelo tempo adiante. Mas, si fôr desde a infância, ensinada a obedecer, e si a criança fôr normal, não recusará.

Como se deve tratar uma criança quando está zangada? Não tomando parte em sua zanga. Este é o primeiro principio. Quando o guardião perde a calma deante da zanga da criança, tudo vae mal, porque então ha fogo de ambos os lados. Por este meio não se ajuda a criança. E’ melhor manter-se a calma e dirigir a atenção da criança para uma outra coisa. Si a criança estiver geniosa, e o guardião lhe der um castigo, isso não lhe fará bem algum. Ele se arruinará. Ha outra ocasião para se aplicar o castigo. Este póde ser dado quando a criança estiver em estado equilibrado, nor-

mal. Por exemplo, si constituirmos em casa um tribunal, onde sejam as crianças julgadas numa ocasião em que tenham esquecido tudo que fizeram, então elas se recordarão. Essa, a ocasião em que terá seu efeito qualquer castigo que se lhes applique. Quando, porém, a criança estiver de máu humor e o castigo fôr imediatamente aplicado, será perdido. Nessa ocasião, todo esforço deve ser feito para se afastar o máu humor por meio de amabilidade e simpatia. E muitas vezes é aí que o guardião comete um erro.

Deve uma criança obedecer sem compreender? Ha uma enorme diferença entre a mentalidade e a experiência da criança e as do guardião. Existem muitas coisas de que a criança nada sabe, porque lhe dizem: — “Você não deve fazer isto”, ou — “Você deve fazer aquilo”, e si a criança perguntar sempre: — “porque não devo fazer isto?”, então seria difficil, pois que muitas vezes não póde mesmo ser explicado. Seria melhor para ela, muitas vezes, não lhe ser explicado. Muitas vezes é melhor que a criança escute sómente o que diz o guardião, e não argumente. Assim como os músicos na orquestra estão acostumados a olhar para a batuta do regente, a criança, justamente, deve ser ensinada a estar atenta ao relan-

cear de olhos do seu guardião. E si o guardião fôr bastante sábio para dirigir a ação do bebê, de manhan à noite, com seu relance de olhos, estará seguro de treinar essa criança para ser a mais promissora alma no futuro.

Uma questão agora se nos depara: até que ponto deve um bebê ser mantido em controle, e até que ponto se lhe deve permitir brincar com seus companheiros? Deve haver um certo momento em que ao bebê seja permitido brincar com seus companheiros. Mas estes o guardião deve escolhê-los, pois que a associação na infância tem mais influência, no futuro do menino, do que a associação quando ele crescido. Muito pouca gente pensa nisto. Mais das vezes, a tendência dos pais é para pensar que um menino qualquer sobrevivendo pôde brincar com outro. Quando, porém, se trata de educação doméstica, não é a mesma coisa; tal sistema não convém; porque a educação doméstica é uma educação individual, e a educação escolar é diferente. Aí todos estão juntos; são diferentes as leis da educação escolar; a educação doméstica, portanto, é coisa diversa é um ideia diferente. E isto deve ser recordado, que a educação escolar sem a educação doméstica não é suficiente.

O que mais atraza hoje é que está faltando a educação doméstica, e sómente é dada a escolar. Em muitas personalidades, por conseguinte, alguma coisa está faltando, que do lar deveria ter vindo. Houvesse milhares de escolas das mais sábias e admiravelmente organizadas, ainda assim não poderiam elas tomar o lugar da educação doméstica. A educação doméstica é um alicerce da educação escolar; e aquela oportunidade de ser educado em casa não deve ser negada à criança, porque para a criança, é uma grande bênção a educação doméstica.

Deve haver discriminação acerca dos companheiros que escolhemos para o bebê. E deve haver um tempo limitado, afim de que sómente durante esse tempo esteja brincando o bebê com seus companheiros. Si fôr permitido porém a criança fazer loucura no brinquedo, e não houver limite para isso, nenhum treino, então, será dado, não será isso educação. Necessidade ha de brincar, mas sómente até um certo ponto, não mais.

A regularidade na vida é o ritmo da vida; e quanto mais se cantêm ritmo na vida, melhor. Fóra dos camaradas, não são precisas muitas pessoas, mesmo grandes para dirigir um bebê. Deve haver um dirigente. E' precisamente como a orquestra e o regente. Si houvesse qua-

tro regentes na orquestra, estragariam esta. Não importa que haja quatrocentos músicos tocando, mas um só regente deve haver. Dá-se a mesma coisa com o guardião. Si houver mais de uma pessoa para guiar a existência da criança, estraga-se esta. No caso dos dois pais, um deve tornar-se o braço do outro. Si ambos, porém quizerem dirigir o filho, então este se estragará também.

O grande ideal que se poderia dar a um bebê é que levante os olhos para seus pais. Esse é o primeiro ideal; e si o bebê não tiver recebido em tal tempo esse ideal, então sua vida toda ficará sem ideal, porque não está ali a base do ideal.

Alguem foi ao Profeta Mahomet e disse: — “Profeta, eu estou de tal modo inclinado espiritualmente, quizera tanto seguir vossa Mensagem, e vir e meditar em vossa presença. Mas sou ainda jovem e meus pais precisam de mim em casa. Que devo fazer?” O Profeta respondeu: — “Fique antes em casa, porque você deve alguma consideração a seus pais”.

Poder-se-ia pensar que o Profeta era um ideal, porque o mandou para casa? Porque o Profeta pensou que esse era o primeiro ideal. Si ele não chegasse ao primeiro ideal, como poderia chegar ao segundo? Si ele não levan-

tar os olhos para seus pais, não os apreciará, ou não se sentirá grato para com eles, como poderia apreciar o Profeta?

Si um menino muito novo fizer perguntas sobre sua origem, que resposta se lhe deve dar? — Deus; aí está a excusa. Esta questão nos dá uma excusa para semear a semente do ideal-Deus no coração da criança.

Si o bebê fôr órfão, que se poderá fazer? E' o destino; apenas podemos ficar pesarosos com isso. E aqueles que são abençoados pela Providência, e têm de cuidar de alguns órfãos, é melhor para eles pensar que sua responsabilidade é a de um pai, de um guardião para com o órfão ao seu cargo. Mas toda mulher neste mundo, e todo homem deve considerar que é seu dever, sempre que estiverem em contacto com uma nova alma, ou que uma nova alma se apresentar diante deles, sentir seu dever para com essa alma, como o fariam os pais. Porque, no esquema de toda a vida, todos os mais velhos têm de assumir a parte dos pais, e os mais moços têm de assumir a parte dos filhos, para com os mais velhos.

Desta maneira, cada um de nós tem seus mais velhos e seus mais moços, para os quais tem de erguer os olhos, e dos quais têm de zelar.

Mas poder-se-ia pensar: pôdem os pais, por si mesmos, dar esse ideal a seus próprios filhos? E' seu dever; não por sua própria pessoa, mas pelo bem da criança. Deve ser dado esse ideal desde a infância, que a criança erga os olhos para seus pais, como ergueria para o Rei ou Rainha, ou para Deus, ou para o Profeta. Quando o ideal fôr semeado na criança desde o começo, dessa maneira, então florescerá, e então esse ideal se tornará um archote a servir de guia na existência da alma.

*Aqueles que desejarem especiais informes
sobre o Movimento Sufi fundado por Inayat
Khan podem se dirigir a*

SHABAZ C. BEST

Rua Julio Ottoni, 579

Santa Teresa

Rio de Janeiro

BORSOI — *imprimi.*
Senado, 267/269

O livro brasileiro, bom e barato

ALGUMAS EDIÇÕES BRASICAS

- MATO GROSSO por Virgilio Corrêa Filho — Alentado vol. com ilustrações. Preço br. 10\$000.
- VAE SOLI por José Soares Dutra. Ensaio de novela. Preço br. 5\$000.
- VIDA por Mario Martins. Crônicas e estudos biográficos. Preço br. 5\$000.
- OLAVO BILAC por Melo Nóbrega. Prêmio da Academia de Letras. Preço br. 6\$000.
- A PAZ PERPÉTUA, célebre obra de Emmanuel Kant, tradução do prof. Rafael Benaion. Preço br. 3\$500.
- O CAMINHO DA PAZ, pelo prof. João Cabral. Cartilha da atualidade. A esgotar-se o 3.º milheiro. Preço br. 3\$000.
- TONIO BORJA por Cordeiro de Andrade. Romance regional e psicológico. Preço br. 8\$000.
- IDADE MÉDIA, A CAVALARIA E AS CRUZADAS por Ivan Lins. O maior livro, no gênero, da atualidade. Quasi esgotado. Preço br. 20\$000. (Somos também distribuidores de todos os livros do Dr. Ivan Lins).
- O DUPLO de Otto Rank, 2.ª ed., revista pelo prof. João Cabral. Preço br. 5\$000.
- A PRONÚNCIA BRASILEIRA pelo prof. Candido Jucá (filho). Curiosíssimo estudo de prosódia comparada. Preço, brochado 10\$000.
- O HOMICÍDIO POR COMPAIXÃO por Eros de Moura. Prêmio do Inst. da Ord. dos Advogados Brasileiros. Preço brochado 10\$000.
- O QUINHÃO DA MULHER por Leão Tolstoi. Tradução esmerada, pelo prof. João Cabral. Preço br. 6\$000.
- CULTURA DE FICHÁRIO, por Joaquim Pimenta. Sociologia, Crítica e Doutrina. Grande sucesso. A esgotar-se. Preço, brochado 10\$000.
- COOPERATIVAS ESCOLARES, por Fábio Luz Filho, 2.ª ed., muito melhorada, atualizada é com ilustrações. Quasi esgotado. Preço, br. 10\$000.

Pedidos à

CO EDITORA BRASIC A

(Cooperativa)

Rua do Senado, 65 — Tel. 42-3112

RIO DE JANEIRO